UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

FABIANA MARIA DOS SANTOS SOUZA

ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ACERCA DO JOVEM EM POEMAS E LETRAS DE MÚSICA

CAMPINA GRANDE, PB
2016

FABIANA MARIA DOS SANTOS SOUZA

ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ACERCA DO JOVEM EM POEMAS E LETRAS DE MÚSICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profª. Dr. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

CAMPINA GRANDE, PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729a Souza, Fabiana Maria dos Santos
Análise das construções discursivas de alunos do ensino médio acerca do jovem em poemas e letras de música [manuscrito] / Fabiana Maria dos Santos Souza. - 2016.
82 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Departamento de Letras e Artes".

1. Ensino de literatura. 2. Leitura. 3. Juventude. I. Título.
21. ed. CDD 372.4

FABIANA MARIA DOS SANTOS SOUZA

ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ACERCA DO JOVEM EM POEMAS E LETRAS DE MÚSICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 24 / 05 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia maria de Sousa Neves Nota: 10,0
Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Amasile Coelho L. C. Sousa Nota: 9,0
Prof. Me. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Magliana R. da Silva Nota: 10,0
Prof. Me. Magliana Rodrigues da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 9,7

Dedico a minha mãe, que sempre lutou pelo melhor para seus filhos e sempre acreditou na capacidade de cada um.

AGRADECIMENTOS

Durante o percurso universitário nos deparamos, encostamos nossa vida na de várias pessoas, algumas por um sutil e marcante momento, outras dividem o convívio e os problemas cotidianos. Todos deixam marcas, deixam um pouco de si, contribuem para o crescimento mútuo, a estas pessoas digo obrigada e algumas agradeço de forma especial:

A Deus, por me permitir ser o que sou e estar onde estou, sem uma força inexplicável, eu nada faria;

À professora Ana Lúcia Maria de Sousa Neves pela doçura no trato, pelo caminhar devagar, por compreender meu tempo, por não desistir de mim, pela exigência que extraiu o melhor de mim, pela paciência e compreensão durante o período de orientação, por compartilhar comigo um pouco do saber adquirido com sua experiência e por sempre me incentivar quando desanimei ao longo do caminho;

À minha mãe Maria das Dores dos Santos Souza, minha fortaleza, meu exemplo, a primeira poesia que li, sem precisar de palavras, minha primeira professora, aquela que conduziu minha mão para que escrevesse pela primeira vez meu nome, aquela que esqueceu de si em prol dos que ama, aquela que é amor em essência, aquela que não vai sair gritando por aí amores ou dores, mas vai mostrar em gestos e formas durante todos os dias e da forma mais pura, a mulher mais forte que já conheci, que sempre foi um exemplo de integridade e honestidade e, assim, conseguiu educar cinco filhos, mesmo após a perda prematura do marido. Devo-te tudo que sou, espero retribuir a altura;

Ao meu pai (*in memoriam)* que, embora fisicamente ausente, fazia-se presente em meus pensamentos, sei que estaria orgulhoso de ver o crescimento de seus filhos;

Aos meus irmãos por serem chatos e fazerem com que eu evitasse o contato social com eles, o que me permitiu estudar mais e ser melhor sucedida nos estudos, sem esquecer das caronas de moto, que foram de extrema importância. Primeiro a implicância para depois acarinhar, essa é a estranha forma de amor fraternal, agradeço a cada um de forma especial, meus parceiros de vida: José Inácio dos Santos Souza, o mais velho, aquele que tem um espírito paterno, aquele que sempre cuidou de mim; Flávio dos Santos Souza, o mais implicante, o mais reservado, que emprestou sua infância ao papel de cuidador dos irmãos, mesmo que não soubesse ainda cuidar de si; Francimário dos Santos Souza, o engraçado, o que promove a alegria onde quer que esteja, ser de luz que tem um coração repleto de

bondade, embora sem nenhum juízo; Fábio Santos de Souza, o caçula, o mais acostumado com as facilidades da vida, o mais sociável, um moço que sabe encantar pelo jeito calmo e desinteressado;

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras da UEPB, em especial, a Magliana Rodrigues da Silva, minha coordenadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), exemplo de comprometimento com a profissão, que me permitiu fazer parte de um programa que me fez crescer e amadurecer como pessoa e profissional; à Teresa Neuma de Farias Campina, ser humano ímpar, com elegância que transcende a indumentária, sempre impecável, e perpassa o sorriso acolhedor e os conselhos que levamos para a vida; à Tânia Maria Augusto Pereira, exigente consigo e com os que a cercam, sempre extraindo o melhor de todos os discentes e sempre disposta a ajudar com seu vasto conhecimento adquirido no decorrer de sua história acadêmica, aprendi a admirar sua competência e jovialidade;

À Valdecy Margarida da Silva, exemplo de mulher, mãe, amiga, um ser humano especial como poucos, que cativa pela simplicidade e encanta pela grandeza da alma que transborda em afetos. Aprendi muito sobre a vida e sobre o amor com essa amiga, chefa, professora que soube se tornar inesquecível simplesmente por sua autenticidade. Uma parceria que deu certo, obrigada por compartilhar desse sorriso que parece guardar toda felicidade do mundo, mesmo em meio a aflições;

Aos colegas de classe e estimados amigos Amanda Danielly Alves, Roberlânia Alves Barbosa, Thaise Medeiros Souza, Maria Taynná Corrêa Lima Lopes, Ramon Oliveira, pela parceria, pelos sorrisos, por, muitas vezes, serem meu refúgio de alegria em meio a obscuridade dos dias ruins, por se tornarem eternos em meio a fluidez do mundo, por se tornarem presença em meu peito, mesmo com a distância física, por aceitarem o que sou e acreditarem em mim;

Aos meus colegas do PIBID Lígia Albuquerque de Queiroz, Alessandra Silva de Jesus, Vanessa Kishma do Bu, Jhonathan Antonny de S. S. Machado, Monalisa Barboza Santos, Eloiza de Oliveira Chaves por partilharem dos momentos mais significativos no que diz respeito a aquisição de conhecimento para o exercício docente;

À minha amiga/irmã Daniela Barbosa da Silva pelos melhores conselhos, pelos melhores sorrisos, pelas melhores comidas, pela força que transmite no olhar, pelo amor que transborda em meio a uma aparente seriedade, pelas bobagens sem fim, pelas noites em claro de conversa, pelos vários sobrinhos felinos, por me acolher de braços abertos e cuidar de mim em meio às minhas fragilidades, mesmo sem saber;

À professora/colega/amiga Michelle Morais pelos conselhos preciosos ao longo dessa trajetória e por ceder sua turma para que eu fizesse a intervenção que foi objeto de análise neste trabalho;

Aos amigos que, de forma indireta, adquiri durante a graduação: Erivagna Morais, Janaína Lima, Emanuel Ferreira Leite, Rosana Barbosa da Silva, Marcondes Dantas Cavalcante, Mônica Daysy Nóbrega, Deyziane Nóbrega, Ana Karoline Souza, Erick Alves, Ana Paula Souza, Jardel Araújo Silva que somaram sorrisos a meus dias;

Agradeço grandemente a todos que encostaram a vida na minha.

Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.

Paulo Freire

RESUMO

O ensino de literatura tem como objetivo principal a formação leitora, todavia, por um apego a questões formais, o que, em geral, se ensina são questões historicistas, que contemplam escolas literárias, seus aspectos, principais autores, tudo isso com fins avaliativos. Assim, a formação leitora fica em segundo plano, o letramento literário é praticamente inexistente, substituído por uma leitura de decodificação, superficial. Com vistas a oferecer novas perspectivas, os documentos oficiais especificam o que se deve levar em consideração para promover um ensino literário de qualidade, mas há dificuldades em se implementar as propostas. Com isso em mente, o presente trabalho visa demonstrar através da descrição e análise da aplicação de uma sequência didática, uma proposta para um ensino de literatura humanizador, que prime pelo prazer estético ao se ler, pela fruição, a formação leitora, de fato. A sequência foi aplicada em uma turma do 2º Ano do ensino médio, da Escola Estadual Professora Isabel Ferreira, localizada no município de Equador, RN, e obteve êxito quanto à formação leitora, em função da metodologia de ensino que contempla aulas expositivo-dialogadas, com elementos de ludicidade, estímulo à interação dos discentes, foco em um tema norteador, que serviu para despertar a atenção e o interesse dos alunos para o texto, conseguindo gerar conhecimento, ao invés de apenas transmitir conteúdos. A base teórica deste trabalho se sustenta nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e suas propostas de como de se dar o ensino de literatura em sala de aula, como também, nas pesquisas de Candido (1995) e suas considerações sobre o que é literatura e sua função humanizadora; Abreu (2006) com a relação entre literatura, leitura e cultura; Colomer (2007) falando da importância da leitura literária na escola; Maria (2008) que discorre sobre a importância da leitura; Freitas (2005) que enfatiza a questão da leitura em tempos de internet, além de outros autores.

Palavras-Chave: Literatura. Leitura. Juventude.

ABSTRACT

The teaching of literature has as main objective the reader training, however, by an attachment to formal questions, which in general is taught are historicist issues, which include literary schools, their aspects, main authors, all that with evaluative purposes. So, the reader is training in the background, the literary literacy is virtually nonexistent, replaced by a reading decoding, surface. In order to offer new perspectives, official documents specify what must be taken into account to promote a literary quality of education, but there are difficulties in implementing the proposals. With this in mind, this paper aims to demonstrate through the description and analysis of the application of a didactic sequence, a proposal for a humanizing teaching of literature, holding down the aesthetic pleasure to read, the enjoyment, the reader training, in fact. The sequence was applied to a class of 2nd from high school year, the State School Professora Isabel Ferreira, in the municipality of Equador, RN, and was successful as the reader training, according to the teaching methodology that includes expository-dialogued classes, with ludic elements, stimulating the interaction of students, focus on a central theme, which served to arouse the attention and interest of students to the text, achieving to generate knowledge, rather than just transmit content. The theoretical basis of this work is supported on the Curricular Orientations for the High School (OCEM) and the National Curricular Parameters (PCN) and yous proposals on how to give the teaching of literature in the classroom, but also in research Candido (1995) and its considerations of what is literature and its humanizing function; Abreu (2006) with the relationship between literature, reading and culture; Colomer (2007) about the importance of literary reading in school; Maria (2008), which discusses the importance of reading; Freitas (2005) emphasize that the issue of reading in times of internet, as well as other authors.

Keywords: Literature. Reading. Youth.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
2 REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO 14
2.1 O que é literatura e qual a importância do seu estudo? 14
2.1.1 O papel humanizador da literatura 15
2.1.2 Literatura e a formação leitora 16
2.1.3 Literatura e cultura 18
2.1.4 Lliteratura e identidade 19
2.2 A ludicidade no ensino de literatura do ensino médio 20
2.3 O uso de mídias no ensino de literatura 21
2.4 Trabalho com a música em sala de aula 23
2.5 Trabalho com poemas em sala de aula 24
3 METODOLOGIA 26
3.1 Caracterização da pesquisa 26
3.2 Sujeitos envolvidos na pesquisa 27
3.3 Etapas de planejamento de ações 27
3.4 Coleta de dados para desenvolvimento da pesquisa 29
3.5 Descrições da sequência didática e do período de intervenção 29
4 ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO JOVEM SOBRE SER JOVEM 33
5 A LEITURA E O LEITOR: ANÁLISE DA VIVÊNCIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE NA POESIA 40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIAS 52
APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 55
APÊNDICE B – MÓDULO DIDÁTICO 60
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 70
APÊNDICE D – *QUIZ* 71
ANEXO A – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 1 72
ANEXO B – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 2 73
ANEXO C – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 3 74
ANEXO D – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 4 75

ANEXO E – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 5 76
ANEXO F – CARTAZES 77
ANEXO G – FOTOGRAFIAS 78
ANEXO H – GRUPO NO FACEBOOK 80
ANEXO I – LINKS DOS VÍDEOS FEITOS PELOS ALUNOS 81

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vive-se um momento de inquietação no setor educacional. O questionamento de "como formar cidadãos críticos, conscientes e ativos na sociedade" tem regido os estudos e debates sobre o ensino. No que tange o ensino de língua portuguesa, essa preocupação torna-se ainda mais enfática, uma vez que é a língua materna que está em questão e é essencial que, como nativos, saibamos lidar com a nossa língua em suas mais diversas variantes, adequando-nos às situações comunicativas. E quando essa problemática refere-se, mais especificamente, ao ensino de literatura, as dificuldades parecem que são maiores. O que se percebe, como assinala Guimarães (2012) é que os professores, em geral, seguem o que é postulado pelo livro didático e nestes há a priorização do estudo das "Escolas literárias", suas principais características, contexto histórico, principais obras e autores, assim como suas biografias; lê-se textos, fala-se de contextos de época, mas, nem sempre há a preocupação de conectar esses dois vieses, o que acontece é um ensino mecanicista, no qual os alunos decoram o que será necessário para uma posterior avaliação e depois esquecem. O conhecimento torna-se provisório e pouco significativo no que diz respeito à vida prática dos discentes, um conhecimento meramente escolar, que os estudantes não levam para vida.

Em virtude disso, há essa preocupação e necessidade de desenvolver novos métodos e/ou alternativas que deem significado ao ensino de literatura e cumpram com o papel principal dessa área do ensino de língua portuguesa, que é formar leitores, assim como, sugerem os documentos oficiais, a exemplo das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), que defendem que o ensino da literatura deve existir, pois é através dele que se adquire um conhecimento diferente do científico. A proposta dos documentos oficiais difere daquele estudo mecanicista, tão arraigado em nossas escolas, que se realiza a partir de recortes de textos e/ou compilações, apenas como pretexto para se ver características de uma escola literária ou o estudo formal do texto e isso se faz ultrapassado, uma vez que o objetivo do ensino literário não é formar literatos, mas leitores competentes, que leiam, compreendam, que apreciem a leitura e que vejam nesta prazer estético, fruição, como bem assinala Antonio Candido (1995), um conhecimento humanizador.

Com isso em mente, o presente trabalho visa demonstrar através da descrição e análise da aplicação de uma sequência didática, uma proposta para um ensino de literatura humanizador, que prime pelo prazer estético ao se ler, pela fruição, pela formação leitora de

fato. A sequência didática foi aplicada no 2º ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Isabel Ferreira, do município de Equador, Rio Grande do Norte. Ela gira em torno da temática "As faces da juventude na sociedade moderna" e teve por objetivo principal refletir sobre a (as) postura (s) dos jovens socialmente construídas nas letras das músicas e poemas modernos. O enfoque nesses dois gêneros, especificamente, deu-se em função de sua presença constante no mundo do jovem, no caso da música, e de sua extensão menor, no caso do poema, uma vez que o tempo para o desenvolvimento da sequência não foi tão extenso. Os objetivos específicos foram, além de reconhecer as características formais dos gêneros música e poema, também desenvolver o senso crítico e reflexivo dos alunos e aperfeiçoar sua competência de leitura e interpretação de textos literários e não literários, através de aulas expositivo-dialogadas, com enfoque na participação ativa dos educandos através da discussão dos textos.

A base teórica deste trabalho se sustenta, além dos documentos oficiais já citados, também nas pesquisas de Candido (1995) e suas considerações sobre o que é literatura e sua função humanizadora; Abreu (2006) com a relação entre literatura, leitura e cultura; Colomer (2007) falando da importância da leitura literária na escola; Maria (2008) que discorre sobre a importância da leitura; Freitas (2005) que enfatiza a questão da leitura em tempos de internet, além de outros autores.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente, serão feitas considerações acerca do que é literatura, seu papel na formação leitora, sua função humanizadora, a importância de estudá-la no ensino médio, assim como será contemplada sua relação com a cultura, identidade; contemplar-se-ão também questões relativas ao trabalho com a ludicidade, a música e o poema nas aulas de literatura; Em seguida, será exposta a metodologia que norteia o desenvolvimento da pesquisa, parte na qual tratamos da caracterização do estudo realizado, dos sujeitos envolvidos, das etapas de planejamento, da coleta de dados, assim como, descrevemos as etapas da sequência didática; A seguir vem a análise das construções discursivas do jovem sobre ser jovem, feita através do exame de um questionário aplicado na turma; Logo após, há a análise e discussão dos resultados obtidos por intermédio da aplicação da sequência didática, refletindo sobre a relação entre leitura e leitor, a partir da representação da juventude na poesia.

2 REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Embora haja o contato com a literatura desde o início do processo de formação escolar, é no ensino médio que esta área do ensino de língua portuguesa ganha destaque, uma vez que passa a ser parte integrante do currículo e a apresentar-se nos livros didáticos como conteúdo específico do ensino médio. Mas que literatura é essa que está sendo ensinada? Quais os objetivos do seu ensino? O que postulam os documentos oficiais sobre isso? Qual o real papel do ensino literário? A literatura tem relação com questões culturais e identitárias? É possível se ter aulas de literaturas lúdicas ou utilizar mídias se o enfoque é o texto? Esse capítulo buscará, através de incursões teóricas, refletir sobre estas e outras inquietações.

2.1 O que é literatura e qual a importância do seu estudo?

Antonio Candido (1995, p. 174) define literatura como sendo "todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações". Vemos que este conceito é bem amplo, abarca tanto as produções elitizadas, quanto aquelas que fazem parte de nosso dia a dia, inclusive de forma oral e não somente escrita. Os estudiosos divergem bastante quanto a definição acerca desse campo do saber, mas aqui optaremos por utilizar-nos da definição de Candido, uma vez que ela é abrangente e contempla uma gama maior de produções, não se restringindo ao que está nos cânones literários, mas reconhecendo como literatura as manifestações populares.

É interessante atentar para como era vista a literatura no seu campo conceitual. Candido (2006) explica esta questão ao informar que, anteriormente, a literatura era vista como um produto do meio em que era produzida, ou seja, ela era reflexo de sua realidade, isso era um fator determinante para a sua compreensão. Todavia, após algum tempo, outro pensamento se fortaleceu, o de que a literatura seria definida por seu aparato formal. Assim, o importante não seria "o quê?", mas "como?" os textos eram produzidos. Atualmente, ambos os pensamentos convergem e se enlaçam numa perspectiva contemporânea que considera forma, conteúdo, questões sociais.

A partir disso, Candido (2006) defende a existência de três esferas básicas para que um texto seja considerado literatura, são elas: um comunicante, que seria o autor da obra; um

comunicado, que seria a obra e um comunicando, que seria o receptor, no caso, o leitor, afinal, há de se ter um produtor, um produto e um consumidor para que haja um sistema, e é este sistema que legitima o que é literatura e o que não é.

Sobre a importância da literatura, podemos destacar as considerações feitas pelo autor quando trata do que ele chama de "bens compreensíveis", que são aqueles supérfluos e "bens incompreensíveis", que são essenciais à vida humana, a literatura estaria nesse segundo grupo, uma vez que esses "bens incompreensíveis" não abarcariam tão somente "os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual" (CANDIDO, 1995, p. 174) e isso assegura um lugar de destaque ao texto literário como um bem inalienável, já que seria um dos meios de permitir essa integridade espiritual, o caráter humanizador que veremos mais à frente.

Tendo isso em mente, por que seria importante estudar literatura no ensino médio? Para vislumbrar esta questão, recorremos aos documentos oficiais, especificamente às OCEM (2006), que dizem que,

> [...] ela pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo (OSAKABE, 2004 *apud* BRASIL, 2006, p. 49).

Vemos, através da fala do autor, que a literatura, para além do *status* elitizado de outrora, hoje assume um papel mais inclusivo no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem, uma vez que como já assinalado na introdução, não visa mais um ensino puramente formal, pautado em repetições, em estudos historicistas, muitas vezes, dissociados das obras e desvinculado do contexto dos alunos. Obviamente, o estudo de obras clássicas não é descartado nesta nova forma de conceber o ensino de literatura, tão somente propõe-se um espaço mais democrático, onde possam ser lidas e apreciadas obras canônicas e outras de viés "popular", para, além disso, que esse estudo seja dinâmico, que promova realmente uma formação leitora, que estimule o aluno a ler.

2.1.1 O papel humanizador da literatura

A literatura é considerada por Antônio Candido como um "bem incompreensível", ou seja, indispensável à vida humana, dentro desta perspectiva, vemos que o ensino de literatura assume um caráter não tão somente de escolarização, o seu objetivo vai além da "decoreba"

conteudística e assume um papel humanizador, descrito nos documentos oficiais como meta da escola "o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, não importando se o educando continuará os estudos ou ingressará no mundo do trabalho. Assim, a literatura é um fator indispensável de humanização" (BRASIL, 2006, p. 53).

Mas o que seria esse "humanizar"? Já não somos humanos por natureza? O que os documentos querem apregoar a partir dessa fala? As respostas a esses questionamentos são encontradas nas ideias percussoras de Candido (1995), que é o idealizador dessa forma de ver a literatura, a seguir veremos a listagem dos elementos essenciais de humanização:

> Os elementos essenciais são a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós uma quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 54).

Essa perspectiva humanizadora transcende a lógica formal e alcança o aspecto da fruição, do apropriar-se do texto, ter uma relação íntima, de toque, de troca, o leitor não mais como um mero receptor, mas participante ativo da construção do texto, pois para humanizar-se, ele precisa vivenciar da forma mais profunda e verdadeira o que lê.

2.1.2 A literatura e a formação leitora

Ao se falar de formação leitora é imprescindível que se diferencie o que é "ler" e que é apenas "decodificar". Faz-se necessário, então, discutir a questão do letramento e, quando neste falamos, é inevitável falar de alfabetização.

Alfabetizar é munir os discentes de ferramentas que os possibilitem reconhecer as letras, organizá-las em sílabas, que por sua vez se enlaçam para formar palavras e decodificar que palavra é e seu significado. Uma pessoa alfabetizada tem a capacidade de reconhecer uma palavra, decodificá-la. Já na perspectiva do letramento, a pessoa além de decodificar a palavra, vai compreender sua função, vai entender, por exemplo, que uma palavra poderá ter mais de um significado dependendo do contexto em que estiver inserida e vai saber adequar suas escolhas linguísticas ao que o meio lhe exige. Portanto, alfabetizar é uma questão formal, letrar é uma questão social, podendo existir pessoas que são "letradas', mas não alfabetizadas, e vice-versa, como explica Tfouni (1988 *apud* MORTATTI, 2004, p. 89), "o letramento [...] focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar

não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo".

A escola, há muito tempo, cumpre este papel de alfabetizadora, atualmente está procurando cada vez mais aprimorar seu papel de promover o letramento de seus educandos, ensinar não só decodificar, mas a ler e, como diz Marcuschi (2006, p. 64), "ler é compreender, e compreender é um processo. Ao reagir a um texto, o leitor produz sentidos, lançando mão do conhecimento partilhado e de um conjunto de contextualizadores, seja do ponto de vista textual, social ou cultural". Desse modo, não é uma relação que se restringe ao texto, mas abarca o contexto, é o aluno apropriar-se do que leu e compartilhar com o mundo, é tornar-se senhor daquilo. A leitura, nesta perspectiva, fugiria daquela metodologia estanque de ler e realizar meros exercícios de leitura, seria uma leitura dinâmica, como defendida por Maria (2008, p. 21) uma "leitura que desinstale o homem de sua placidez e da acomodação e ao mesmo tempo seja capaz de torná-lo melhor. Melhor em sua relação com os outros, em sua relação com o meio, em sua relação consigo mesmo. Melhor no sentido de praticar a sua humanidade".

Seria uma leitura que promova letramento, no caso específico deste trabalho, o enfoque é o letramento literário. Colomer (2007) faz uma interessante discussão acerca da questão do estímulo à leitura. Ela faz um delineado histórico, comentando que, antes, a leitura era algo muito restrito à classe elitizada, quem tinha acesso a esse luxo que era a literatura, e era comum os mais abastados terem um ambiente de discussão literária. Surgiu, a partir daí, comenta a autora, a preocupação com a leitura das demais crianças, a formação leitora tornou-se responsabilidade da escola e, na época, achou-se que para que se lesse, bastava apenas se ter os livros, hoje sabe-se que isso não é suficiente. Há de se ter, prossegue a pesquisadora, professores que gostem de ler, pois, não há como uma pessoa que não é leitora formar leitores, assim como é necessário que se desenvolvam meios para dinamizar a leitura. A leitura socioafetiva, destaca Colomer (2007), é uma alternativa das mais interessantes, ler o que está na moda, o que todo mundo lê e comenta é mais fácil de se estimular a leitura dos chamados "livros de uma geração" ou os chamados best-sellers do que livros consagrados pelo cânone, mas que pouco são lidos por determinada faixa etária. E por que não se utilizar desses livros como ponto de partida para a formação leitora? Ainda há também que se trabalhar a questão do preconceito, do puritanismo literário e dar lugar a diferentes representações literárias na escola, nem que sejam como pontos de partida para leituras mais complexas. Como ressalta Abreu (2006, p. 19, grifo da autora): "A escola ensina a ler e a gostar de literatura. *Alguns* aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto o que *quase*

todos aprendem é que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu gosto pessoal", ou seja, há subutilização do texto como pretexto para que o aluno cumpra com obrigações escolares, um conhecimento delimitado e limitado.

2.1.3 A literatura e a cultura

A literatura e a cultura estão intimamente conectadas, as pessoas tendem a se interessar mais por livros que são amplamente lidos por pessoas de seu círculo, essa questão socioafetiva. Em geral, esses livros são os lançamentos mais aclamados das editoras, fruto de uma propaganda maciça que provoca nos possíveis leitores a sensação de que aquele livro é o melhor e sua atualidade, ineditismo, sua linguagem menos elitizada, menos truncada, mais fluida, colabora na sua popularidade e faz com que haja vendas extraordinárias de livros. Esses são livros que retratam a cultura atual, são livros que constroem uma cultura atual, uma cultura de livros de ficção, de super-heróis, de fantasia, de fuga da realidade. E Maria (2008, p. 58) defende exatamente essas produções contemporâneas ao dizer que "é importante que os estudantes sintam que a literatura não se restringe aos clássicos que já conquistaram seu espaço nos manuais de história da literatura, mas que é uma produção social e histórica, dialoga com o nosso tempo, registra o que somos nós hoje. Essa identificação, essa diminuição de distâncias facilita o contato inicial com o livro, com a leitura.

Abreu (2006) ao discorrer sobre os melhores livros do século ou os livros mais vendidos em lista de meios de comunicação comenta o quanto são distintos os nomes que aparecem em cada lista e o quão o público de cada obra também não se assemelha, enquanto "os melhores livros", aqueles majoritariamente dispostos no cânone são lidos e orgulhosamente ditos de difícil compreensão por intelectuais, os "mais vendidos" são conhecidíssimos, lidos por milhões de pessoas. Vemos aí a distinção da cultura elitista e de massa e o quanto a literatura ainda ocupa um lugar de diferenciação de *status*, concedendo maior erudição, sabedoria aqueles que leem obras de maior prestigio, canônicas e um *status* menor aqueles que leem a literatura em evidência na época, os *best-sellers.* A autora ainda comenta que "o prestígio social dos encarregados de definir *Literatura* fez que suas ideias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido" (ABREU, 2006, p. 41, grifo da autora). Assim, o que é ou não literatura, quais textos que se "encaixam" nela, depende de quem lança o olhar sobre as obras.

2.1.4 Literatura e identidade

Para iniciarmos a discussão acerca da literatura e identidade, cabe aqui definirmos "O que é identidade?". E, de início, já encontramos o primeiro entrave, uma vez que, este conceito ainda é recente, complexo e não há consenso sobre como defini-lo, situação semelhante a que acontece em outros fenômenos sociais. Todavia, em seu livro que trata sobre a questão da identidade, Hall (2014, p. 24), depois de várias considerações acerca do tema, conclui que

> a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada".

Como é perceptível, por intermédio das palavras do autor, não há um conceito, estanque, uma definição absoluta acerca do que viria a ser "identidade", talvez por isso, seja dada tanta ênfase, nos dias de hoje, a questão da identidade no âmbito da teoria social. Isso se deve, segundo o sociólogo, à fragmentação que o sujeito está sofrendo na sociedade pós-moderna, na qual as certezas estão se esvaindo e dando lugar a uma "crise de identidade". Essa crise seria oriunda da mudança que a sociedade tem sofrido, desde o fim do século XX, uma mudança diferente que "está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2014, p. 10). E isso estaria acarretando mudanças nas identidades pessoais, o jeito que o sujeito enxerga a si, a crise de identidade seria, então, a "descentração dos indivíduos tanto do seu no mundo social e cultural quanto de si mesmos" (*Op. Cit*).

Hall (2014) durante sua explanação em torno da identidade cultural na pós-modernidade, aborda questões relativas ao sujeito e como este foi concebido no decorrer da história por diferentes correntes de pensamento. Cabe aqui destacar as três principais concepções retratadas pelo autor: o sujeito do Iluminismo, individualista, centrado em si; o sujeito sociológico, concebido na interação, determinado pela cultura e o sujeito pós-moderno, que não tem um identidade fixa, permanente, é definido historicamente e não biologicamente e pode assumir diferentes identidades dependendo da situação em que se encontre, afinal, dentro dessa concepção, o autor entende que seria uma fantasia conceber a identidade como algo plenamente unificado, completo, seguro e coerente, pois isto já não cabe dentro de um mundo globalizado, tão permeado de influências diversas.

> Os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os "autores" ou agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram utilizando os recursos (materiais e culturais) que lhe foram fornecidos por gerações anteriores (HALL, 2014, p. 22).

Qual seria o papel da literatura dentro desta conjuntura identitária tão instável? Como vimos, em tópicos anteriores, a literatura tem essa função de humanizar, é esta representação humana, tanto no que tange os aspectos mais subjetivos, como no que se refere à cultura. A literatura é, ao mesmo tempo, produto cultural e produtora de cultura seu papel transcende a fruição, também é política, também conduz à cidadania, tendo em vista que traduz as mais diversas concepções do ser e da sociedade, ou melhor, das sociedades. Assim, a literatura pode ser estudada como meio para se compreender esta ebulição de ideias que emerge na sociedade atual, cada vez mais múltipla, cada vez mais instável. A escola, por sua vez, não pode ficar alheia a isso, não pode se ater aos modelos estanques de ensino e não considerar o que está a sua volta, não pode se deter a um ensino descontextualizado, pois, como defendem os PCN (1997, p. 16), a escola tem que ter "um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural [...] a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos".

E como já defendia Candido (1995), a literatura é um direito inalienável e dentro deste mundo pós-moderno tão confuso, também pode ter função de refúgio, essa necessidade de fantasia da qual o autor citado fala na sua obra. As OCEM corroboram com isto e põem em questão o fato da literatura ser arte, dela ser um meio de educação da sensibilidade e neste mundo tão fluído, onde tudo parece desimportante e afetos descartáveis, como negar a relevância do que pode nos trazer, nos fazer retomar essa sensibilidade? Dos mais diversos ângulos, é possível perceber que ler, entrar em contato com a literatura só traz ganhos para quem o pratica.

2.2 A ludicidade no ensino de literatura do ensino médio

É comum, no ensino infantil, utilizar-se da ludicidade para se trabalhar a leitura, assim como no Ensino Fundamental I, que compreende até o 5º ano, a partir daí, como se vai chegando a pré-adolescência, a escola entende que há de se ter métodos um pouco mais rígidos de lidar com sua clientela, desse modo, no Ensino Médio a ideia de aulas lúdicas torna-se quase inconcebível. Todavia, é importante ressaltar que não é necessário se engessar

tanto as práticas, de um modo tal que a aula torne-se algo mecanizado, como bem expressa Roloff (2015, p. 2) a aula pode e deve ser também "um momento de felicidade, seja qual for a etapa de nossas vidas, acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam, de forma mais significativa". Com isso não se propõe que seja deixada de lado a seriedade, mas que, como propõe Maria (2008) alie-se a ela métodos lúdicos, que atraiam e não que distanciem o discente. Esse pensamento está em consonância com o que apregoam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, quando estipulam que devemos

> Conviver, de forma não só crítica, mas também lúdica, com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem – escrito, oral, imagético, digital, etc. –, de modo que conheça – use e compreenda – a multiplicidade de linguagens que ambientam as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, geradas nas (e pelas) diferentes esferas das atividades sociais – literária, científica, publicitária, religiosa, jurídica, burocrática, cultural, política, econômica, midiática, esportiva, etc. (BRASIL, 2006, p. 32).

Como vemos, o documento propõe uma interação lúdica dos alunos com os conteúdos, além de incentivar o uso de gêneros e mídias diversas para se fazer esse trabalho. A ludicidade é um caminho que mostra a criatividade do docente em ministrar de forma inovadora sua aula, assim como, incentiva os discentes a terem uma postura distinta do velho silêncio e acomodação em ouvir o professor, a ludicidade dá dinamicidade, estimula a criatividade de ambos os sujeitos da interação. Confirmamos esta afirmativa no que sustenta Machado (2005, p. 7) quando relata que a criatividade é "uma atitude que permite às pessoas enxergarem o presente pelo olhar do futuro. Inovar ou ser criativo significa mudar radicalmente o pensamento [...] experimentar coisas novas, se desenvolver e não se acomodar em um só caminho".

2.3 O uso de mídias no ensino de literatura

Os documentos oficiais incentivam o uso de gêneros e suportes diversos para que se promova um letramento multissemiótico, ou seja, para que se prepare o aluno para ser um leitor não somente da letra, mas que compreenda o mundo ao seu redor com todas suas especificidades, que possam conviver de modo harmonioso e fazendo uso das novas tecnologias, cada vez mais indispensáveis em nosso dia a dia. Bezerra (2000) explicita a necessidade que a escola tem de equipar-se com recursos tecnológicos atuais para evitar o chamado analfabetismo digital. A autora destaca a importância de se adquirir esses novos

meios de ensino e, principalmente de preparar o professor para lidar com eles e, assim, favorecer ou ainda tornar possível o repasse do conhecimento ao aluno. A pesquisadora ressalta que hoje temos um desafio

> de formamos leitores e mais que leitores, navegadores, para dominarem o texto real e o virtual. Não se trata de priorizar a linguagem digital, os novos suportes de textos, em detrimento da linguagem escrita, milenar (esta é a base daquela). Trata-se de favorecer o uso de todas as linguagens, sem hierarquizar, pois vivemos uma época do múltiplo, do diverso: do livro, do computador, da tela, do rolo, da imagem, do som... É tempo da leitura efêmera (a virtual) e permanente (a perenizada pelo texto escrito) (BEZERRA, 2000, p. 80).

A internet ganha destaque nesse momento da fala da estudiosa, ela mostra a relevância desse instrumento nos dias atuais, a importância da escola ampliar seus horizontes de modo a abarcar o novo e promover o letramento digital, mas deixa claro que o novo não substitui o que já existe, apenas soma mais recursos. Essa preocupação se as novas tecnologias irão tornar obsoletas as formas já consagradas que servem de suporte ao texto escrito, como por exemplo o livro, são objeto de reflexões feitas por Freitas (2005) que traz dados interessantes e reveladores do quanto a internet, ao invés de estar minando, está promovendo a leitura de textos em suportes impressos, a autora destaca que nunca antes na história se vendeu tantos livros e chama a atenção para as lojas virtuais que são maiores que as físicas e muito bem sucedidas.

Ainda sobre a internet, Freitas (2005) fez uma pesquisa extremamente profícua e esclarecedora no que diz respeito à relação da literatura e dos jovens com o ciberespaço. Esse suporte, em detrimento do que podem pensar os mais conservadores, observa a autora, mostra-se enriquecedor, permite que se alcance lugares que a escola ainda não conseguiu, como a diversidade incontável de gêneros a um clique, as conexões imediatas através dos links e hipertextos. O jovem busca o que ele quer ler e é incrível o quanto a literatura, até a mais erudita, é disseminada nesses meios e, mais que isso, ela convive de forma democrática com textos menos prestigiados, possibilitando uma gama de alternativas de leitura variada, sem a obrigação, o determinismo que, por vezes, existe na escola. Não há imposição, o internauta vai em busca de determinada coisa e, nesse percurso, descobre novidades ou se encanta por coisas que, talvez na escola não conseguisse.

Essa maleabilidade, enfatiza a pesquisadora, é um dos principais atributos da internet que a escola deveria observar, não impor, mas fornecer meios para que os alunos busquem, se interessem pelo que se propõe, o que não é tarefa fácil, mas a internet com suas imensas

possibilidades pode ser instrumento para isso, através de grupos no *Facebook, Whatsapp* e outros aplicativos populares que fogem a rigidez da sala de aula.

2.4 Trabalho com a música em sala de aula

Pode-se dizer que a música é lugar-comum na sala de aula. Quem não se lembra de alguma música que conheceu na escola e até hoje é guardada com carinho na memória? Mas qual a importância dela como recurso didático? Quais os benefícios de se utilizar músicas nas aulas?

A música está presente nas mais diversas esferas e sob as mais diversas formas e conteúdos. É conhecido objeto de fruição, assim como a literatura, mas também é objeto de divertimento, de denúncia social, enfim, seu papel é amplo e suas aplicações, na sala de aula podem ser das mais diversas. Desde um elemento motivador para aula, servindo como uma espécie de arranque para chamar a atenção dos discentes para o objetivo principal da aula, até como objeto de discussão, análise, ou (idealmente) como os dois.

É importante compreendermos esses aspectos, uma vez que, nos documentos oficiais, especificamente, nas OCEM, há um destaque para a questão do que é ou não literatura e a função desta, assim como, destacam outras formas de texto que podem ser trabalhados, dentre eles, as letras de músicas. O documento preocupa-se em salientar que há uma diferença entre produtos de arte que têm valor cultural e outros que têm valor estético, ao falar de vários tipos de produção em prosa, em verso, dentre eles o rap, a literatura de cordel, as letras de música. É feita essa ressalva, quando se diz que "sem dúvida, muitos deles têm importância das mais acentuadas, seja por transgredir, por denunciar, enfim, por serem significativos dentro de determinado contexto, mas isso ainda é insuficiente se eles não tiverem suporte em si mesmo, ou seja, se não revelarem qualidade estética" (BRASIL. 2006, p. 56).

Cabe então, ao docente ter claro em sua prática a intencionalidade do uso de cada uma dessas produções para que haja equilíbrio e não recaia numa das duas categorias que as OCEM (2006) inserem os professores segundo o que estes utilizam para seu trabalho com literatura em sala de aula, seriam eles: o professor "conservador", que privilegia o cânone, as escolas literárias, um estudo nos moldes tradicionais, e acaba pecando porque transmite conceitos de forma mecânica; e o professor libertário e democrático, que se utiliza de todo e qualquer texto, que tenta desconstruir o cânone, que busca utilizar-se de textos com menor grau de dificuldade e acaba pecando por subestimar o aluno, não possibilitando seu contato com obras mais elitistas, o que contradiz a ideia de "libertário e democrático" e acaba

recaindo na permissividade, uma vez que inferioriza o aluno e o mantém no lugar-comum historicamente relegado ao "povo", de não consumidor da chamada "grande literatura", mas somente da chamada cultura de massa.

Assim, o importante não é o quê, mas como se trabalha e quais os objetivos de tais abordagens. De nada adianta pôr o aluno em contato com obras eruditas se estas só irão servir de plano de fundo para um ensino mecanicista, que não levará o educando a se debruçar sobre o texto e realmente lê-lo, como também, é pouco produtivo levar músicas ou outros gêneros mais populares para sala de aula se seu trabalho for sem significado, um fim em si, sem nenhuma reflexão mais profunda para que haja a ampliação dos conhecimentos do aluno. Afinal essa é a função da escola: ampliar a gama de interesses, conhecimentos, preparar o aluno para ser crítico diante do que já conhece e conhecer quilo que não faz parte de sua realidade.

2.5 Trabalho com poemas em sala de aula

Já falamos sobre a literatura e sua importância. Agora, nos deteremos num dos gêneros literários menos trabalhados em sala de aula, que é o poema. As dificuldades de se trabalhar o poema se justificam, muitas vezes, pelo fato de se atribuir ao aluno um "não gostar" de poesia. Afirmação esta que cai por terra no estudo feito por Pinheiro (2002), que assegura que os discentes gostam sim de poesia, mas não de qualquer uma e nem daquela trabalhada de qualquer jeito. O autor destaca que pouco se trabalha poemas em sala de aula e "os poucos textos de poesia se ressentem de uma abordagem mais lúdica, prazerosa, menos racional, pragmática" (PINHEIRO, 2002, p. 72).

Em geral, a poesia é pouco trabalhada, ler e discutir o gênero é raro, o trabalho acaba se pautando na estrutura e na interpretação feita pelo professor. Assim, um gênero que, segundo Pondé (1993) é um dos favoritos das crianças, torna-se estranho, incompreensível para o adolescente. Talvez porque na infância o trabalho com a poesia não esteja tão pautado em formalidades. Como vemos na afirmação a seguir:

> [...] as salas de aula brasileiras estão longe de ser "celeiros de leitores". Salvo exceções, o contato dos estudantes com os livros costuma seguir um roteiro no mínimo enfadonho: alguns títulos (quase sempre clássicos) são indicados (leia-se empurrados goela abaixo) e viram conteúdo avaliado (perguntas de interpretação de texto com uma única resposta correta) (MEIRELLES, 2010, p. 49).

Esta afirmação mostra o quão a preocupação avaliativa torna o trabalho com a literatura em geral e, por consequência com a poesia, enfadonho. Fugindo totalmente ao ideal de formação leitora, uma vez que associa o ato de ler ao desprazer de atividades avaliativas, mecanicistas, que, ao invés de aproximar os alunos do texto os distanciam.

Assim, a escola que deveria ser essa ponte que liga os seus discentes à leitura, à poesia acaba por solapar um direito, através da escolarização. Na tentativa de sistematizar o conhecimento, acaba por torná-lo superficial, desinteressante, que em nada contribui para a formação leitora de fato. Desse modo,

> devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola . A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer a escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

Ou seja, a escola tem que ir na contramão do que tem feito e buscar, como já defendido em tópicos anteriores, estimular o aluno, trazer a literatura com seu papel humanizador, não se ater a forma, mas instigar através do texto a leitura, o prazer em ler, a fruição, fazer com que os discentes busquem e não fujam dos textos. A poesia em sala de aula, antes de tudo, é um momento de deleite estético, de contato com a sensibilidade, de conversa com o texto, de posterior discussão, análise, compreensão, mas não através de perguntas com respostas prontas, mas através do diálogo com o poema, com os colegas, com o professor, através da interação.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

Quanto à abordagem, esta pesquisa enquadra-se no viés qualitativo, uma vez que iremos lançar mão tanto de análise de dados não-palpáveis, predominantemente, baseados na experiência de ensino através da aplicação de uma sequência didática, que será melhor detalhada mais a frente, embora, em certa hora também possamos tratá-la como quantitativa, pelo fato de nos utilizarmos de análises numéricas, por intermédio de gráficos que irão quantificar dados contidos em um questionário aplicado na turma onde se desenvolveu a pesquisa. Todavia, essa quantificação foi um recurso para facilitar a análise qualitativa dos dados, não podendo, então, definir a pesquisa com esse caráter de quantitativo.

Afinal, como expõem Silveira e Córdova (2009, p. 32) aqueles que se utilizam de métodos qualitativos querem explicar "o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens", que é exatamente o que se busca com o presente trabalho. No que se refere aos meios de investigação, trata-se de uma pesquisa de campo, pois, como explica Fonseca (2002), ela vai além do caráter bibliográfica e /ou documental e buscar seus dados, como o próprio nome sugere, em campo, junto às pessoas e, em geral, correlaciona-se com outros tipos de pesquisa, especificamente aqui, a relação será estabelecida com a pesquisa-ação, que é definida como

> um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como "independente", "não-reativa" e "objetiva". Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (ENGEL, 2000, p. 182).

Ou seja, o pesquisador também é pesquisado, o que promove maior dificuldade na análise dos dados, já que o pesquisador terá de olhar suas ações com uma visão imparcial e saber separar o profissional do pesquisador.

3.2 Sujeitos envolvidos na pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 40 alunos de uma turma regular do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Isabel Ferreira, do munícipio de Equador, Rio Grande do Norte. A faixa etária dos discentes estava entre 16 e 19 anos e eram oriundos da zona urbana e rural do município.

3.3 Etapas de planejamento de ações

Foi feita uma Sequência Didática (APÊNDICE A, p. 55) para ser aplicada e servir de objeto de análise para este trabalho. Neste tópico, discutiremos as etapas que culminaram em sua confecção, elas respeitam a seguinte ordem:

I - Escolha da temática abordada na sequência;
II - Escolha dos gêneros utilizados nas aulas;
III - Planejamento de cada encontro (construção da sequência);
IV - Aplicação da sequência.

A etapa I foi um momento de pensar, pesquisar e discutir temáticas que pudessem ser de interesse do discente, que o estimulasse e que também fugissem à obviedade de temas que sempre são trabalhados e repetidos exaustivamente, não promovendo a devida reflexão e um olhar mais atento ao texto, no caso específico do ensino de literatura. Nessa perspectiva, foi desenvolvida a temática “As faces da juventude na sociedade moderna”, que objetivou trazer à tona discussões relativas ao papel do jovem da sociedade e como é importante o engajamento da juventude nas questões sociais, o seu olhar crítico frente às diferentes realidades.

Essa escolha de partir de um tema e não de um conteúdo ou gênero específico é defendida por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002, p. 189) quando afirmam que a abordagem temática é “uma perspectiva curricular cuja lógica de organização é estruturada com base em temas, com os quais são selecionados os conteúdos de ensino das disciplinas. Nessa abordagem, a conceituação científica da programação é subordinada ao tema”. Em outras palavras, o tema seria esse eixo, que serviria de base para que se encaixassem os conteúdos, gêneros, e promoveria uma maior linearidade no trabalho, uma vez que permitiria uma maior flexibilização na forma como seriam tratados, os educandos desenvolveriam uma

maior intimidade com a temática, se esta não fosse já conhecida, e se fosse aguçariam seu olhar, sentindo-se mais desenvoltos a participar da aula.

Na etapa II foram pensadas as subtemática, o quer seria trabalhado em cada aula e quais gêneros norteariam as discussões, assim, foi estabelecido que os encontros seguiriam um delineado histórico, contemplando questões contextuais, de moda e comportamento dos jovens desde os anos 60 até os dias atuais e que estas discussões seriam instigadas a partir de dois gêneros centrais, a música e a poesia, além de gêneros auxiliares como a charge, o vídeo, pois, como defendem as OCEM (2006, p. 28), a escola não deve ater-se somente ao "letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos na imprensa ou na internet, por vídeos e filmes, etc."; O documento ainda justifica que essa multiplicidade de linguagens ambienta "as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, geradas nas (e pelas) diferentes esferas das atividades sociais" (BRASIL, 2006, p. 32), seu trabalho em sala de aula promove, então uma maior inclusão e um maior empoderamento, tendo em vista que não estão em foco apenas gêneros escolares, mas também aqueles que fazem parte do dia a dia do educando.

Na etapa III foi planejado quais textos seriam utilizados em cada encontro e os procedimentos metodológicos que norteariam a prática em cada momento. O planejamento é importante, pois

> A ausência de um processo de planejamento do ensino nas escolas, aliadas às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes no exercício do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica nas aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser uma prática eventual acaba sendo uma regra, prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo (FUSARI, 2015, p. 46).

Esse planejamento é essencial para o bom desenvolvimento da sequência, manter elos de ligação entre os textos, temática e os encontros possibilita a linearidade característica deste método. Vale aqui salientar que, embora estejamos utilizando a mesma nomenclatura, a "sequência didática", objeto de análise neste estudo, tem um enfoque diferenciado daquela idealizada pelos estudiosos da Escola de Genebra. Enquanto Dolz, Noverraz e Schneauwly (2004) postulam um trabalho em torno da produção de um gênero textual específico, que contaria com uma feitura de uma produção inicial por parte dos alunos para fins de diagnóstico, seguida dos módulos didáticos para sanar as dificuldades nos textos e por fim,

uma produção final, a proposta aqui idealizada e aplicada visou um trabalho com a literatura, principalmente, no que tange a formação leitora, a interação em sala de aula, com foco em uma temática e não na produção textual, assim, o que houve foi um empréstimo apenas na nomenclatura. Sequência didática é entendida neste trabalho como planejamento de uma sequência de ações, de cunho didático, para ser aplicada em sala de aula, sem que haja um trabalho de produção escrita.

A etapa IV é a culminância de todo planejamento e da prática efetivada em sala de aula. Nosso principal objeto de análise, tanto no que se refere ao seu desenvolvimento como no que se refere aos resultados que serão descritos com maior atenção no capítulo 4 do presente trabalho.

3.4 Coleta de dados para desenvolvimento da pesquisa

A coleta de dados se deu através da intervenção em sala de aula. Entramos em contato com uma professora do Ensino Médio, que disponibilizou sua turma para que fosse desenvolvida a sequência, que contou com 5 encontros, cada um com duas aulas de 50min.

No primeiro encontro, aplicamos um Questionário (APÊNDICE C, p. 70), no qual os discentes responderam questões relativas à juventude, a seu modo de ver o mundo, a como a sociedade vê os jovens, enfim, questionamentos gerais que tiveram por objetivo diagnosticar as opiniões dos discentes a respeito da temática abordada e foi de suma importância para o que foi desenvolvido posteriormente na sequência, pois a todo momento foram retomadas questões postas nele.

No segundo encontro, os alunos fizeram uma análise comparativa entre uma música e um poema. No terceiro encontro, realizaram atividades artísticas a partir de produtos contidos em um folheto e discutiram sobre a questão do consumo e do consumismo; no quarto encontro se prepararam para a atividade final da sequência, que se basearia nos vídeos para a campanha “Sou jovem e o que me conecta ao mundo é...”, que foram exibidos para toda turma e postados na rede social *Facebook* no grupo feito para se discutir questões relativas à sequência.

3.5 Descrições da sequência didática e do período de intervenção

Primeiramente, é importante destacar que a aplicação da sequência didática foi feita com auxílio, além do Datashow, também de um Módulo Didático (Apêndice B, p. 60), que

contém a compilação de todas as letras de músicas, poemas, como também de resumos sobre as gerações estudadas a cada encontro, ele foi idealizado pela pesquisadora e fornecido gratuitamente para os discentes.

A sequência didática, com já dito anteriormente, contou com 5 encontros, cada um composto por duas aulas de 50min. O primeiro encontro teve o objetivo de introduzir a temática e teve como subtema "Sou ou não sou jovem? Eis a questão!", ele foi iniciado com uma conversa e as devidas apresentações, em seguida, os alunos foram estimulados a caminhar pela sala e observar os cartazes (ANEXO F, p. 77) apregoados nas paredes, com o intuito de que descobrissem a temática que seria trabalhada, foram questionados, após este momento, se concordavam com as frases ou não. Terminado esse momento de discussão, através do Datashow, viram o vídeo "Se você é jovem ainda", do seriado Chaves, que traz uma reflexão sobre o que é ser jovem. A letra foi acompanhada pelo módulo e discutida. Em seguida, tentaram descobrir, com êxito, o tema que iríamos estudar. Logo após, descobrirem a temática, eles receberam um questionário com questões relativas à juventude e responderam segundo seus conhecimentos e suas perspectivas. Concluído o momento de escrita de respostas, os alunos expuseram oralmente, através de uma conversa grupal, aquilo que responderam no questionário. Terminado o diálogo, foi feita a leitura e interpretação do poema "Parâmetro", de Adélia Prado, com o intuito de discutir sobre esse ideal da juventude, da supervalorização dessa etapa da vida. Ao final da aula, foi proposto aos alunos que fizessem uma entrevista com pessoas de outras gerações: avós pais, tios, vizinhos e trouxessem na aula posterior suas pesquisas para que se discutisse como era ser jovem na época deles e qual a visão deles dos jovens de hoje.

O segundo encontro teve como subtemática "*Babyboomers*/Amor e relacionamento" e foi iniciado retomando o que foi pedido na aula anterior, solicitando que os alunos expusessem suas pesquisas com as outras gerações, como também sua própria opinião sobre o assunto. Concluídas as discussões, foi ouvida a canção **"**Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones", d'Os Incríveis, que serviu de elemento motivador para o encontro. A partir da discussão da música, foi exposto, através de slides, como era a Geração dos *Babyboomers,* o contexto em que estava inserida, sua influência no modo de vida da época, questões de moda e comportamento e como se concebiam os relacionamentos naquela época do pós-guerra, aquele ideal de família perfeita, de estabilidade, tanto financeira quanto emocional. Em seguida, assistimos ao vídeo "Amor", do Canal Porta dos Fundos. O intuito foi discutir a superficialidade das relações, inicialmente pautadas em imediatismo, que logo são deixados de lado em função da individualidade, o que caracteriza nossa realidade atual de

relacionamentos líquidos. Visto o vídeo e discutidas as questões pertinentes, os alunos foram postos em contato com o "Soneto de fidelidade", de Vinícius de Moraes, a partir do qual, além da temática, foram discutidas também questões formais do poema, relevantes para a interpretação. Por fim, foi solicitado que os educandos escutassem duas canções "Eu sei que vou te amar", de Vinicius de Moraes e Tom Jobim e "Amor líquido", de Caos Restrito e fizessem um comparativo, dizendo que tipo de amor eles achavam que está mais próximo de como são os relacionamentos atuais.

No terceiro encontro foi trabalhada a subtemática "Geração X/Consumismo", ele foi iniciado com a música "Geração Coca-cola", de Legião Urbana, que serviu de elemento motivador para a discussão acerca da geração de jovens dos anos 80 e também como base para a apresentação da questão do consumismo. Logo após esse momento de contextualização e discussão com os alunos, foi lido o poema "Eu, etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade, que possibilitou um aprofundamento sobre o tema consumismo. A partir dele, discutimos através de slides, o que é o consumismo e até que ponto ele é saudável ou não. Para aprofundar esta questão, foi ouvida a faixa musical "Tá patrão", de Mc Guimê, para discutir a respeito da idolatria da ostentação material na sociedade atual e como a mídia nos leva a crer que se vale mais o que se tem do que o que se é. Para finalizar, foi realizada a dinâmica "Consumismo", na qual folhetos de propaganda de diversos estabelecimentos comerciais, com os mais diversos produtos foram distribuídos entre os discentes, que foram orientados a se dividirem em grupos e escolherem produtos que representassem um consumo racional e outros que representassem o consumo impulsivo ou compulsivo e fizessem uma colagem, dividindo-os, depois, de forma oral os discentes expuseram seus trabalhos e justificaram o porquê das escolhas. Esse momento foi interessante, pois foi possível notar aqueles que são mais consumistas e o que pensam mais na hora de comprar. O objetivo dessa atividade foi refletir sobre o consumo consciente, notar se o que consumimos, em sua maioria é por necessidade ou se é somente supérfluo, influenciados pelo que a mídia diz que é relevante se ter.

No quarto encontro, intitulado "Geração Y e Z/*Internet"* iniciamos com a música "Admirável chip novo", de Pitty, com o intuito de que os educandos avaliassem o conteúdo da letra da música e pudessem perceber essa condição mecânica a qual estamos suscetíveis, se não, fadados na realidade atual. A partir da interpretação da faixa musical, foi feito um paralelo sobre a questão trazida na letra e as chamadas Geração Y e Geração Z e sua realidade hiperconectada, destacando até que ponto a internet é nosso pensamento e até que ponto somos nós meros instrumentos dela. O objetivo foi discutir essa questão da alienação

promovida pelo universo virtual. Em seguida, foi lido, em conjunto com os discentes, o poema “Dáblio, dáblio, dáblio”, de Marina Mara, que traz ao mesmo tempo uma crítica e um brado sobre o uso da internet, esta como sendo muito mais que uma ferramenta, tornando-se o centro, o mais importante da vida. Os discentes foram questionados se eles se achavam dependentes das redes sociais ou se conseguiam controlar o acesso a essas ferramentas. Foram instigados a falar se conversam e interagem mais face a face ou via aplicativos de mensagens instantâneas e também quanto tempo passam longe dessas mídias, desconectados. Nesse momento, foi sugerido que os alunos escrevessem frases que digam o que os permite “desconectar” e viver no mundo real. A partir daí, foram orientados sobre a atividade final que intercalou a temática trabalhada nos encontros à essa realidade hiperconectada nas Geração Y e Z. A atividade consistiu em vídeos com o slogan “Sou jovem e o que me conecta ao mundo é...”. Nesse vídeo, os educandos foram orientados a pensarem na melhor forma de falar sobre o jovem e sua real conexão com o mundo. Para isso, eles podiam utilizar-se de fotos, de cartazes, entrevistas, o método que melhor conviesse a cada grupo para feitura da produção audiovisual.

No quinto encontro, intitulado “Juventude atual”, foram apresentados para toda a turma, por intermédio do Datashow, os vídeos da campanha “Sou jovem e o que me conecta ao mundo é...” produzidos pelos discentes e também foi feito um *quiz* contemplando todas as gerações estudadas durante a sequência, no qual a turma foi dividida em dois polos, orientados a fazerem com folhas de caderno, plaquinhas com letras A, B, C, D para que pudessem levantar no momento de responder as questões, o grupo vencedor foi premiado e o que ficou em segundo lugar (pois nenhum foi perdedor) ganhou outro prêmio. Após isso, houve um momento para um *feed back* de toda a sequência, no qual os alunos puderam relatar suas experiências com a leitura, seu envolvimento com a temática, enfim, todos os pontos positivos ou não do período de intervenção.

4 ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO JOVEM SOBRE SER JOVEM

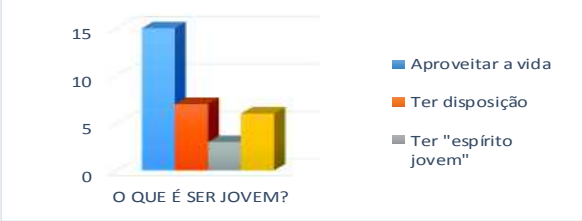
Neste tópico, iremos analisar as construções discursivas do jovem sobre ser jovem, a partir das respostas dadas pelos alunos do 2º ano do ensino médio Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Isabel Ferreira, do município de Equador, RN, a um questionário (APÊNDICE C, p. 70), com dez indagações, aplicado no primeiro encontro da Sequência Didática "As faces da juventude na sociedade moderna". Esse questionário foi de suma importância para o que foi desenvolvido posteriormente na sequência, pois a todo momento foram retomadas questões postas nele, por isso achamos necessário e importante fazer uma análise mais profunda de suas proposições.

Foram trinta questionários respondidos no total, mas, para fins de análise, foi realizado um corte neste *corpus* e somente cinco serão observados de forma mais acurada. O corte se fez necessário em função da repetição e semelhança das respostas contidas nos questionários, assim como, foi um modo de não tornar enfadonha a leitura sobre as considerações feitas pelos educandos. Todavia, em caráter ilustrativo e como modo de se perceber melhor os dados coletados pela pesquisa serão expostos, no decorrer deste tópico, gráficos que demonstram a recorrência de cada resposta.

Na análise, categorizamos as perguntas em dois eixos: o primeiro, a visão do jovem sobre ser jovem; a segunda, a visão do jovem sobre seu lugar na sociedade. No primeiro eixo de análise, nos deteremos às indagações de número 1, 2 e 4; no segundo eixo, às de número 6, 8, 10 e, eventualmente, citaremos as demais, (3, 5, 7, 9) que mostraram-se mais relevantes somente a título de discussão oral.

Iniciemos o exame dos questionários com o Eixo 1 e partiremos da primeira questão que discute a concepção que o próprio jovem tem de si "O que é ser jovem? Será que é apenas uma questão de idade?", Em todos os questionários houve a concordância de que não seria uma questão de idade, e as definições do que seria ser jovem foram pouco variáveis, como podemos ver no Gráfico 1:

Figura 1: Gráfico "O que é ser jovem?"



Fonte: da autora

A maioria dos estudantes, metade deles, precisamente, definiu que ser jovem é saber "aproveitar a vida", como podemos ver através da fala do Estudante 1:

> Jovem é a pessoa saber aproveitar a vida, independente de sua idade; a idade não importa, pois nem sempre aquelas pessoas novinhas, estão vivendo a vida como é para ser vivida, enquanto outras que têm a idade mais elevada, do que eles, estão sabendo desfrutar dessa juventude (ESTUDANTE 1, ANEXO A, p. 72).

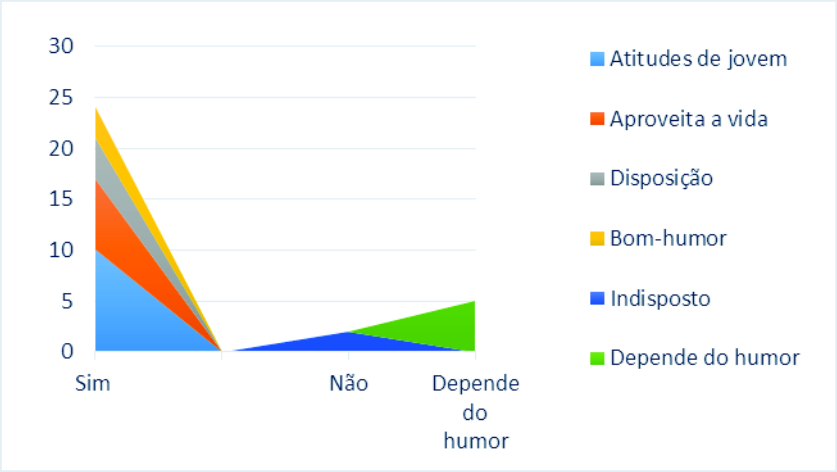
Vemos através do gráfico e da resposta do Estudante 1, que a juventude é concebida como algo que transcende a idade, algo imaterial, é uma questão de disposição, de ter um "espírito jovem", outros ainda responderam que é ser feliz, divertido, livre, fazer o que gosta, aprender com a experiência dos mais velhos, assim, percebemos por intermédio dessa unanimidade o primeiro desenho da identidade desses jovens. Se nos deparamos, por exemplo, com o Estatuto da juventude, instituído em 2013, em seu Art. I, Inciso I, estará especificada a questão etária, que estabelece como jovem aqueles que têm idade entre 15 e 29 anos, essa delimitação tem o objetivo de garantir a essa parcela da população direitos específicos, mas como vimos, a questão subjetiva, que implica uma *identificação* como jovem foge a esses parâmetros.

> Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar em *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2014, p. 24).

Essa questão da identidade jovem fica mais clara quando analisamos a segunda indagação do questionário: "Você se considera jovem? Se sim, o que o faz sentir jovem? Se não, por quê? ". A maioria dos estudantes respondeu que "sim", sentiam-se jovens, pois tinham disposição, "aproveitavam a vida", outros, porém, como o Estudante 2 fez a seguinte afirmação: "Apesar da minha idade de 15 anos não me sinto jovem, já que tenho muitas responsabilidades no meu lar e não tenho a disposição para me sentir jovem" (ESTUDANTE 2, ANEXO B, p. 73). Diante desta fala, percebemos uma clara ideologia do que seria ser jovem ou melhor do ideal de juventude apregoado pela sociedade, que seria uma fase sem grandes responsabilidades, compromissos, como os próprios discentes expuseram na discussão oral, seria uma fase de "curtição", descobertas, ligada mais a uma posição social do que a idade.

Vejamos o gráfico que mostra a incidência das repostas ao questionamento 2:

Figura 2: Gráfico "Você se sente jovem?"



Fonte: da autora

Como podemos ver, um total de 24 alunos responderam que se sentem jovens e justificam isso das mais diversas formas, sendo que a maior incidência é de uma resposta generalizante, quase metade afirma-se jovem, por ter "atitudes jovens" e o que chama atenção é que não é citada a questão etária. A *identificação* deles como jovens pauta-se em aspectos físicos e aspectos emocionais e da ideia alimentada pela sociedade do que se espera da juventude.

A última pergunta do Eixo 1, questão 4, continua essa construção identitária do jovem e questiona "Quais os benefícios de ser jovem? E as dificuldades?". Muitas das respostas recaíram na premissa da "disposição" como um benefício e a principal dificuldade relatada girou em torno das condições financeiras. Vejamos a resposta do Estudante 3: "Benefícios – Você tem tempo de fazer as coisas; Prejuízos – Você não tem dinheiro e nem pode trabalhar" (ESTUDANTE 3, ANEXO C, p. 74). Assim, o jovem aqui sente-se, de certo modo, alienado, uma vez que tem o tempo e a disposição, porém não dispõe de recursos monetários para "aproveitar a vida". Confiramos os gráficos:

Figura 3: Gráfico "Dificuldades de ser jovem"

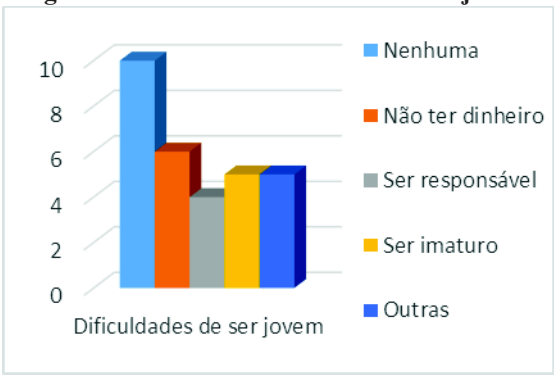
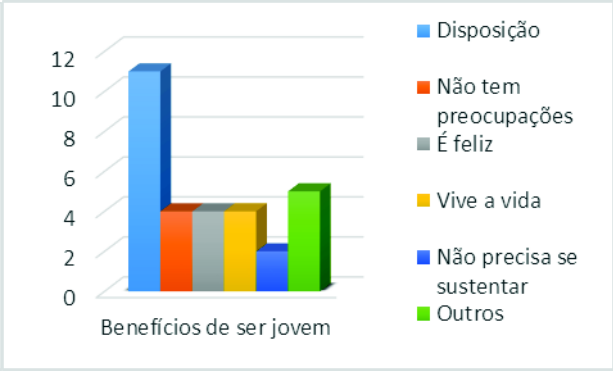


Figura 4: Gráfico "Benefícios de ser jovem"



Fonte: da autora

Porém o dado mais relevante, como se pode observar na figura 3, é que a maior parte dos jovens enxerga-se sem nenhuma dificuldade. Por mais que esses dados sejam positivos e revelem que 1/3 dos estudantes desta determinada realidade não se enxerguem com grandes preocupações ou dificuldades, quando nos deparamos com o perfil do jovem brasileiro, vemos que há fatos preocupantes

> Quando se fala em inserção profissional, é preciso sublinhar que, para quase 40% dos jovens, o trabalho é uma necessidade. Entre os jovens de 15 a 24 anos, 36% trabalham e 32% estão desempregados. Os jovens são frequentemente subempregados, trabalham ilegalmente e em condições precárias ou de risco. Isso significa que o problema para os jovens não é somente o acesso ao emprego, mas também as condições de emprego (CORREA, 2008, p. 13).

Por vezes, essa necessidade relatada pelo Estudante 3 de ter dinheiro para o lazer leva os jovens a se empregarem de forma ilegal e, por vezes, em condições de trabalho inadequadas, tendo sua mão de obra explorada. Esse dado é importante para análise da identidade do jovem pós-moderno, pois traz à tona a questão capitalista, a questão do consumo, o "aproveitar a vida" está interligado ao poder de aquisitivo, ao que se pode ter. Já adentrando ao eixo 2 da análise aqui proposta, ou seja, na forma como o jovem enxerga a si no mundo, temos a questão 6 do questionário na qual indagou-se "Pense sobre sua comunidade e responda: No que ela precisa melhorar para atender ao jovens?", o mesmo estudante disse "Pagar um salário aos jovens no caso uma **joventadoria**" (ESTUDANTE 3, ANEXO C, p. 74, grifo da autora).

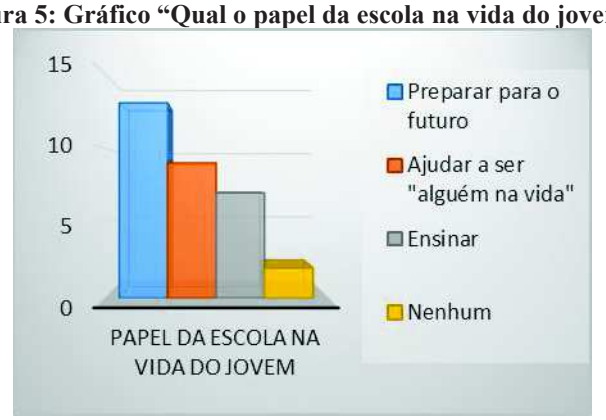
Assim, o jovem inserido nesta conjuntura econômica que exige que tenha bens, mas, ao mesmo tempo, não fornece os meios para que isso aconteça, promove essa sensação de que ou se é jovem, condição dos mais favorecidos, que têm o respaldo financeiro necessário; ou se trabalha, conseguindo o dinheiro, porém assumindo responsabilidades de forma prematura, assim, não mais sendo jovem. Essa foi a visão exposta pelos alunos em suas respostas escritas no questionário aqui analisado e aprofundadas através da discussão oral. Correa (2008) trata desta questão de consumo, ou consumação, expondo a influência da cultura de massa no comportamento dos jovens:

> Na cultura de massa, vários são os bens culturais transformados em mercadorias, e isso é uma característica nova na relação entre a juventude e a cultura. Relação essa que se faz pela *consumação.* A cultura de massa atinge, evidentemente, outros grupos de idade, mas é entre os jovens que se encontra um grande número de consumidores em potencial. Cabe salientar que se trata de uma primeira geração brasileira nascida em época de plena cultura de massa. Assim, o cotidiano desses jovens é pleno de mercadorias e apelações comerciais da cultura de massa, principalmente de sua indústria de produtos audiovisuais (CORREA, 2008, p. 19).

Sendo estes jovens tão imersos nesta cultura de consumo, fica incutido na sua identidade, faz parte da sua identidade, enxergar-se a partir do que é material, afinal, somos bombardeados a todo momento por propaganda, por estímulos ao consumo, que nos passam a mensagem de que seremos mais felizes se tivermos tal produto ou que sermos marginalizados, e somos, se não tivermos. A moda dita, comanda o que somos, a imagem que perpassamos através de vestimentas, acessórios, tornou-se parte integrante de nossa identidade, passou a definir como somos vistos socialmente. E esta questão na cabeça dos mais jovens se torna ainda mais emergencial, uma vez que estes querem sentir-se inseridos, fazer parte da sociedade, serem aceitos.

Todavia, Esteves e Abramovay (2008, p. 3) destacam que embora a sociedade brasileira esteja passando "por momentos difíceis em sua história recente, tal situação não parece forte o suficiente a ponto de abalar as percepções juvenis em relação à sua autoimagem nem tampouco minar o seu sentimento de satisfação com a vida", como vimos na maioria das respostas sobre as dificuldades dos jovens. Esse otimismo é sustentado pela esperança de um futuro promissor, é isso que veremos na resposta do Estudante 4, à indagação 8 do questionário "Qual o papel da escola na vida do jovem?", a qual teve como resposta "Promover o conhecimento para esses saberem se comportar mediante a sociedade e conquistar o tal futuro tão esperado" (ESTUDANTE 4, ANEXO D, p. 75). A educação, então, por mais que desacreditada em nosso país ainda é vista pelo jovem como um meio de ascensão, a ferramenta que proporcionará um futuro melhor. Por intermédio do gráfico vemos com maior nitidez a opinião dos jovens sobre a escola:

Figura 5: Gráfico "Qual o papel da escola na vida do jovem?"



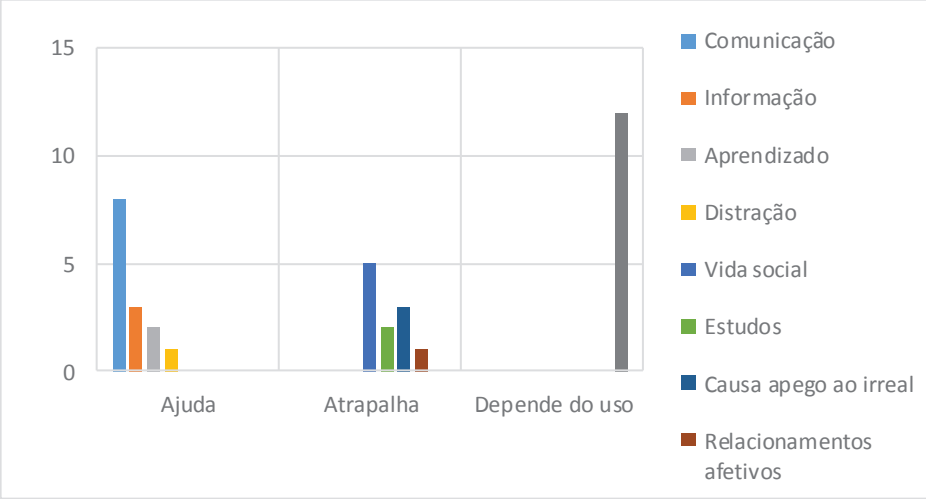
Fonte: da autora

Vale salientar que a construção do gráfico respeita as escolhas lexicais dos alunos, por isso, o "ser alguém na vida" foi categorizado em um tópico diferente de "preparar para o

futuro", embora, na oralidade os discentes tenham deixado claro que se referia à mesma situação, o estudo com vistas em um amanhã melhor.

A última interrogação do questionário, número 10, e também derradeira do Eixo 2 de nosso paradigma, assim como, da análise aqui proposta, traz o seguinte questionamento "Na sua opinião, a internet ajuda ou atrapalha nas relações pessoais? Justifique.". Essa pergunta teve o intuito de perceber a visão dos jovens sobre as tecnologias tão presentes em nosso cotidiano, mas que também trazem consigo alguns problemas. O Estudante 5 defendeu a seguinte afirmação "Ajuda as vezes mais também atrapalha, ela as vezes desvia o interesse do jovem e vicia em coisas que não tem valor, faz ele perder o foco pelo futuro, os projetos, ajuda também no estudo, fazer cursos pesquisas, etc." (ESTUDANTE 5, ANEXO E, p. 76).

Figura 6: Gráfico "Opinião sobre internet"



Fonte: da autora

Através da opinião do Estudante 5 e da observância do gráfico, é perceptível que o jovem tem consciência do uso da internet, uma vez que, compreende que seu uso irá ajudar ou atrapalhar dependendo da postura do usuário diante dela. A ferramenta, por si só, não é nociva ou benéfica de forma inata, ela depende de quem a controla, para que ela está sendo utilizada.

Cabe aqui destacar que o uso da internet, talvez, seja um dos pontos centrais da identidade do jovem na pós-modernidade. Toda a facilidade promovida por essa ferramenta, nos mais diversos âmbitos, modificou de forma espantosa o modo de lidarmos conosco e com os outros. Pessoas tímidas são extrovertidas diante da tela do computador, você torna-se o que quiser no meio virtual, foge dos problemas, enquanto é alienado por uma realidade fugaz, provisória, que se encerra ao desligar da tela, talvez, por isso, cada vez mais a pessoas se desliguem, talvez não se reconheçam mais no mundo palpável. O que é a identidade? Ela existe dentro desse meio cada vez mais virtualizado? Tentamos buscar a todo custo essa

identidade, essa plenitude, mas esbarramos nesse mundo de fluidez, inconstâncias. Ao tratar da modernidade tardia, Hall (2014) cita Laclau que fala do deslocamento das identidades dentro da sociedade, na qual não haveria um centro sólido, este seria modificado constantemente. Assim, as identidades se modificam, são movediças, são atravessadas umas pelas outras, são articuladas de tal modo que, mesmo não havendo um centro definido, como se acreditava existir na sociedade tradicional, há uma certa continuidade que permite a existência da história.

No mundo atual, explica o autor, temos múltiplas identidades e as utilizamos de acordo com o local ou a intenção que temos em determinado momento, tempo e espaço tornaram-se relativos em face das tecnologias "psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos "eus" divididos em uma unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude" (HALL, 2014, p. 24). Desse modo, somos muitos, mas também somos um, nos adaptamos, nos renovamos, tendo em vista com o que ou quem interagimos, essa é a identidade jovem, a identidade multifacetada do sujeito pós-moderno. Assim, "a juventude pode se apresentar tanto como um grupo aparentemente homogêneo quanto heterogêneo. No primeiro caso, por exemplo, quando a comparamos com outras gerações; no segundo, quando analisada como um conjunto social detentor de atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros" (ESTEVES & ABRAMOVAY, 2008, p. 3).

5 A LEITURA E O LEITOR: ANÁLISE DA VIVÊNCIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE NA POESIA

Neste tópico iremos analisar a intervenção feita em sala de aula por intermédio da aplicação da Sequência Didática "As faces da juventude na sociedade moderna" (APÊNDICE A, p. 55) que, como já assinalado em tópicos anteriores teve o objetivo de discutir por intermédio de poemas e letras de músicas as construções discursivas dos jovens na sociedade moderna. Como já especificado a sequência é composta de 5 encontros, com duas aulas de 50 cada, e foi aplicada em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Isabel Ferreira, do município de Equador, RN. Em busca de seguir as orientações dos documentos oficiais que regem o ensino de literatura, o trabalho realizado não se deteve ao estudo de escolas literárias, suas características e afins, buscou-se partir de um tema e se trabalhar um gênero específico, o poema, afinal, a maior relevância do ensino de literatura é a formação de leitores e não de literatos, conhecedores da historicidade da literatura. Como esclarece os documentos oficiais acerca do ensino de literatura para cumprir com seus objetivos:

> Não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido, apesar de os PCN, principalmente o PCN+, alertarem para o caráter secundário de tais conteúdos: "Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que [...]" (PCN+, 2002, p. 55). Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de "letrar" literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito (BRASIL, 2006, p. 54).

No primeiro encontro, tivemos o objetivo de introduzir a temática, fazer o aluno pensar sobre o que é a juventude, com isso em mente, iniciamos os trabalhos motivando os educandos a saírem de sua zona de conforto e interagirem com cartazes (ANEXO F, p. 77) que foram distribuídos pela sala e continham frases relacionadas ao mundo jovem. Após caminharem, lerem e comentarem sobre as frases, foram indagadas acerca de sua opinião sobre cada uma, a intenção era minar aquela resistência inicial e introduzir aos poucos a temática.

Em seguida, para descontrair e também para deixar ainda mais clara qual a temática, foi visto o vídeo "Se você é jovem ainda", do seriado Chaves, apresentado através do Datashow, que serviu como um elemento de ludicidade, uma vez que promoveu o riso e a descontração na sala de aula, afinal como destaca Roloff (2015, p. 2) é sempre bom trazer "à

aula um momento de felicidade, seja qual for a etapa de nossas vidas, acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam, de forma mais significativa". Não é porque se está no ensino médio que não se pode, vez ou outra lançar mão de alternativas lúdicas. E, além de promover esse momento de leveza na aula, a letra da música, contida no Módulo Didático (APÊNDICE B, p. 60), foi discutida e analisada pelos discentes de forma mais aprofundada, tendo em vista que já a conheciam, mas nunca, segundo palavras dos discentes, tinham se detido a "mensagem" que ela passava. Após isto, os alunos responderam a um questionário (analisado no tópico anterior), que foi revelador no que tange a forma de como os jovens enxergam a si mesmos.

Ao finalizar a escrita das respostas, foi realizada uma explanação oral das indagações dispostas no questionário e concluído este momento de diálogo, foi feita a leitura e interpretação do poema "Parâmetro", de Adélia Prado, o intuito foi fornecer um primeiro contato com o gênero literário que seria trabalhado no decorrer da sequência, como também levar os discentes a refletiram sobre todo o apanhado da aula, fazendo uma comparação entre a música e o poema. No fim da aula, foi solicitado que os alunos fizessem uma pesquisa oral com pessoas de outras gerações, sejam elas: avós, pais, tios, vizinhos e trouxessem na aula seguinte as considerações feitas pelos entrevistados acerca de como era ser jovem na época deles e como viam a juventude atual.

Também foi combinado com a turma a feitura de um grupo no *Facebook* (ANEXO H, p. 80) com finalidade de compartilhar ideias, materiais relativos às aulas e também para promover uma maior interação entre professora e alunos, o que se mostrou muito eficaz. O *Facebook* pode ser uma ferramenta incrível para o compartilhamento de conhecimento, de interação da turma, pois, como ressalta Bezerra (2000, p. 78) "a implantação de novas tecnologias na educação é essencial, desde que venha beneficiá-la, atingindo a todos, sem perda de qualidade", no caso específico, a rede social promoveu um ganho, pois possibilitou aos educandos perceber que se pode fazer conexões entre o que se aprende na escola e o que se vive, tornou mais próximo o conhecimento.

Esse primeiro encontro já esboça bem a metodologia que foi utilizada no decorrer das aulas propostas na sequência. O objetivo é o trabalho de interação, do educando com o texto, com seus colegas e com o professor, afinal já defendia Freire (2002, p. 68) que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" e o docente, neste processo, ocupa um lugar de facilitador e não de autoridade que fornece aos alunos respostas únicas às questões ou, no caso, interpretações prontas para os textos literários:

> com a introdução da abordagem comunicativa, reformulam-se as concepções de como ensinar e de como aprender, mostrando que o papel do professor, nesse caso, deixa de ser centro (como em outras abordagens, por exemplo, a tradicional) e passa a ser um facilitador das atividades em sala de aula, como também o aluno deixa de ser apenas mero receptor de conhecimentos transmitidos pelo professor e passa a ser um indivíduo com autonomia e atuante em sua aprendizagem (SILVA, 2003 *apud* RIBEIRO, 2011, p. 15).

Optamos por trabalhar, a partir do segundo encontro com subtemáticas. Todas relacionadas à temática central e seguindo uma linha temporal, ou seja, explorando aspectos relativos à juventude em diferentes épocas da história. Aliado a este estudo, com base histórica, foi feita em cada encontro uma ponte a partir de temas que ligavam a época estudada com a contemporaneidade. Assim, no segundo encontro foi abordada como subtemática "*Babyboomers/*Amor e relacionamento", explorando, então a Geração *Babyboomer* e as questões relacionadas à concepção de amor, família, relacionamento, nos anos pós-guerra em comparação com os dias atuais.

Para dar início ao encontro, retomamos a aula anterior e os alunos tiveram a oportunidade de expor oralmente as pesquisas que fizeram com as outras gerações. Após isto, foi iniciado o conteúdo pensado para o dia, iniciando com a canção **"**Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones", d'Os incríveis. Esta música, a exemplo da trabalhada no encontro anterior, também era conhecida pelos alunos, o que promoveu uma identificação imediata e promoveu um certo "reboliço" nas cadeiras, esse é um dos pontos interessantes de se trabalhar com esse gênero:

> A influência que a música exerce sobre nós remete-nos evidentemente a seu poder sobre o corpo; ela coloca o corpo em movimento, faz com que ele vibre de forma não comparável às outras artes; e é o fato de estarem escritas em nosso corpo que dá tanta acuidade às emoções musicais; por seu enraizamento psicológico, a própria música atinge uma espécie de existência corporal (SNYDERS, 1994, p. 85).

Esse movimento involuntário nitidamente promove um relaxamento nos educandos, o que contribui positivamente no decorrer da aula. Após o momento de audição, nos detemos a letra da música, que foi discutida e, a partir dela, trabalhou-se, através de slides, a Geração dos *Babyboomers,* o contexto em que estava inserida, sua influência no modo de vida da época, questões de moda e comportamento e como se concebiam os relacionamentos naquela época do pós-guerra, aquele ideal de família perfeita, de estabilidade, tanto financeira quanto emocional.

Essa geração é particularmente interessante e chamou a atenção dos educandos em função do sentimento do pós-guerra, da valorização que se deu a família e, de como o próprio nome denuncia, ter havido essa explosão populacional, o sentimento predominante era de busca de estabilidade, para fazer um contraponto com isto, assistimos ao vídeo "Amor", do Canal Porta dos Fundos, que trouxe, de forma cômica, uma discussão acerca da superficialidade das relações atuais, inicialmente pautadas em imediatismo, que logo são deixados de lado em função da individualidade, o que caracteriza nossa realidade atual de relacionamentos líquidos. O que existe hoje:

> são "relações virtuais". Ao contrário dos relacionamentos antiquados (para não falar daqueles com "compromisso" muito menos dos compromissos de longo prazo), elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as "possibilidades românticas" (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de "ser a mais satisfatória e a mais completa" (BAUMAN, 2004, p. 8).

Tendo discutido esses pontos relevantes à temática, os alunos foram postos em contato com o "Soneto de fidelidade", de Vinícius de Moraes, a partir do qual, além da temática, foram discutidas também questões formais do poema, relevantes para a interpretação. Como bem expõe Pinheiro (2002), o trabalho com poesia em sala de aula não é, de início, fácil, pois há uma certa resistência, uma ideia inculcada de que poesia é algo difícil e o professor tem que tentar romper com esse paradigma. O autor sugere que se promova uma espécie de "sedução" através da poesia, ler o poema em voz alta, comentá-lo livremente, estimular o aluno a falar, repetir trechos que mais gostem, essas podem ser alternativas iniciais, ao invés de repartir o poema, analisar ele em blocos e dar uma interpretação pronta para os discentes. Essas sugestões foram seguidas nos encontros tanto no trabalho com o poema, quanto com o trabalho com a música, afinal, ambos contêm poesia e permitem esse tipo de abordagem que se mostrou bem proveitosa.

Por fim, foi solicitado que os educandos escutassem duas canções "Eu sei que vou te amar", de Vinicius de Moraes e Tom Jobim e "Amor líquido", de Caos restrito e fizessem um comparativo, dizendo que tipo de amor eles achavam que está mais próximo de como são os relacionamentos atuais. Esse foi um momento de discussão, de analisar, degustar cada letra, compartilhar ideias, perceber detalhes dos textos, um momento de verdadeira análise, que mostrou o quanto os alunos estavam envolvidos em todo aquele processo, o quanto eles realmente estavam imbuídos em ler, em buscar o significado do que liam e relacionar aquilo com a vida deles. Embora aqui não estejamos diante de gêneros literários, neste momento

(todavia cabe ressaltar o valor literário da música de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, que é verdadeiramente uma poesia musicada), percebemos claramente o desenvolvimento do que propõe as OCEM (2006) ao falar que

> A fruição de um texto literário diz respeito à apropriação que dele faz o leitor, concomitante à participação do mesmo leitor na construção dos significados desse mesmo texto. Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será (BRASIL, 2006, p. 60).

Os educandos leram, interagiram com o texto, tomaram posse do conhecimento ali exposto, discutiram, expuseram exemplos do cotidiano, cumprindo, assim, tendo um posicionamento crítico, autônomo e humano, como postulam os documentos oficiais como o ideal de um trabalho com a leitura.

No terceiro encontro foi trabalhada a subtemática "Geração X/Consumismo", ele foi iniciado com a música "Geração Coca-cola", de Legião Urbana, que serviu de elemento motivador para o encontro, uma vez que é uma música animada, que chama a atenção dos discentes pelo ritmo e também porque foram incentivados a cantar acompanhando a letra do módulo em conjunto com a professora, e o elemento motivador é exatamente isso, como destaca Not (1993 *apud* MORAES & VARELA, 2007, p. 3) uma "atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção". Vimos que houve energia e essa energia foi direcionada para compreensão do que a música trazia de relevante para a subtemática do dia. Discutida a música, tendo sido feito o direcionamento para a pauta do dia, adentramos a questão histórica, enfatizando as características dessa geração e sua relação com a moda e os principais objetos de consumo da época. Os discentes ficaram atentos, principalmente aos estilos das roupas, pois perceberam que a moda setentista está sendo retomada nos dias atuais.

Logo após esse momento de contextualização e discussão com os alunos, foi lido o poema "Eu, etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade, que possibilitou um aprofundamento sobre o tema consumismo. Os educandos se mostraram atentos e reflexivos durante a leitura e se identificaram com a exposição do eu-lírico do poema, afirmando que, muitas vezes, eles também são "coisa", que valem pelo que tem, pelo que vestem e que também julgam, às vezes, sem perceber, as pessoas por seus trajes. Aprofundando essa discussão, foram expostos, em slides, os tipos de consumo que existem em nossa sociedade,

desde o racional, perpassando pelo impulsivo, até chegar ao compulsivo, o objetivo foi ponderar até que ponto o consumo é saudável ou não.

Para promover um debate sobre a questão, foi ouvida a faixa musical "Tá patrão", de Mc Guimê, pertencente a um gênero musical denominado "Funk ostentação", que atingiu seu auge de popularidade nos dias atuais, principalmente, entre o público jovem, o objetivo de se trabalhar com essa música foi discutir a respeito da idolatria da ostentação material na nossa sociedade e como a mídia nos leva a crer que se vale mais o que se tem do que o que se é. O uso desse gênero também justiça-se no que está pautado nos PCN (2000) e OCEM (2006), que assinalam a importância de se levar em consideração o contexto do aluno e esse tipo de música é o que mais ocupa espaço na mídia ultimamente.

Para finalizar o encontro, foi realizada a dinâmica "Consumismo" (ANEXO G, p. 78), na qual folhetos de propaganda de diversos estabelecimentos comerciais, com os mais diversos produtos, foram distribuídos entre os discentes, que foram orientados a se dividirem em grupos e escolherem produtos que representassem o consumo racional e outros que representassem o consumo impulsivo ou compulsivo e fizessem uma colagem, dividindo-os, depois, de forma oral, os discentes expuseram seus trabalhos e justificaram o porquê das escolhas. Esse momento foi interessante, pois foi possível notar aqueles que são mais consumistas e o que pensam mais na hora de comprar. O objetivo dessa atividade foi refletir sobre o consumo consciente, notar se o que consumimos, em sua maioria, é por necessidade ou se é somente supérfluo, influenciados pelo que a mídia diz que é relevante se ter. Uma atividade, aparentemente simples, mas que reflete bastante do que os alunos têm interiorizado acerca do consumo. Até por que, em suas exposições orais, eles souberam defender que o que é supérfluo para algumas pessoas pode não ser para outras, assim, seria muito relativa essa questão. Esse foi um momento em que demonstraram seu olhar crítico sobre o conteúdo e sobre o mundo também. Conforme defende Libâneo (2011, p. 2), "num mundo globalizado, transnacional, nossos alunos precisam estar preparados para uma leitura crítica das transformações que ocorrem em escala mundial".

No quarto encontro, intitulado "Geração Y e Z/*Internet"*, iniciamos com a música "Admirável chip novo", de Pitty, com o intuito de que os educandos avaliassem o conteúdo da letra da música e pudessem perceber essa condição mecânica a qual estamos suscetíveis, se não, fadados na realidade atual. A partir da interpretação da faixa musical foi feito um paralelo sobre a questão trazida na letra e as chamadas Geração Y, Geração Z e Alpha e sua realidade hiperconectada, destacando até que ponto a internet é nos serve e até que ponto vivemos para servi-la. Essas gerações são as dos chamados nativos digitais:

> As gerações nascidas nas últimas décadas cresceram com a internet, videogames, cds, vídeos, celulares, etc. Estas tecnologias já estavam aqui quando eles nasceram e por eles foram incorporadas com naturalidade, da mesma forma como o fizeram as gerações anteriores com os carros e TVs. Este fato implica, não somente que esta geração tenha total familiaridade com baseando-se em estudos das neurociências, sua forma de pensar, e mesmo a estrutura física de seu cérebro, é diferente das dos imigrantes digitais, que aprenderam e se formaram num mundo analógico e para os quais o mundo digital supõe um processo de imersão nas tecnologias. (PEÑA LÓPEZ, 2007 *apud* SALLES, 2007, p. 1).

Assim, o objetivo inicial do encontro foi discutir essa questão da alienação promovida pelo universo virtual. Em seguida, foi lido, em conjunto com os discentes, o poema "Dáblio, dáblio, dáblio", de Marina Mara, que é um poema contemporâneo que trata desta questão da internet e mais que isso faz uma forte crítica a como muitas pessoas lidam com essa ferramenta. Os discentes discutiram sobre o texto, sobre palavras que tiveram dúvidas e atentaram para a forma como o eu-lírico era contundente acerca de se dar uma maior importância a vida real em detrimento da virtual.

Concluída a discussão do poema, assistimos ao documentário "Z geração do agora", que trouxe a caracterização dessa geração imersa na tecnologia. Os discentes foram questionados se eles se achavam dependentes das redes sociais ou se conseguiam controlar o acesso a essas ferramentas. Foram instigados a falar se conversam e interagem mais face a face ou via aplicativos de mensagens instantâneas e também quanto tempo passam longe dessas mídias, desconectados. Nesse momento, foi sugerido que os alunos escrevessem frases que dissessem o que os permite "desconectar" e viver no mundo real. A partir daí, foram orientados sobre a atividade final que intercalou a temática trabalhada nos encontros à essa realidade hiperconectada nas Geração Y e Z e Alpha.

A atividade consistia na produção de campanhas audiovisuais que carregassem o slogan "Sou jovem e o que me conecta ao mundo é...", essa foi a única exigência estipulada, o modo como eles iriam fazer os vídeos ficaria a cargo da criatividade deles, afinal, Machado (2005, p. 7) já defendia que a criatividade é "uma atitude que permite às pessoas enxergarem o presente pelo olhar do futuro. Inovar ou ser criativo significa mudar radicalmente o pensamento [...] experimentar coisas novas, se desenvolver e não se acomodar em um só caminho". Desse modo, os alunos ficaram livres para ousar, para mostrar do que suas mentes eram capazes quando não estavam sob cabrestos.

No quinto encontro, intitulado "Juventude atual", foram apresentados para toda a turma, por intermédio do Datashow, os vídeos da campanha "Sou jovem e o que me conecta

ao mundo é...” produzidos pelos educandos. As produções contabilizaram cinco no total[1] e foram diversas em suas propostas:

- ✓ **Grupo 1** – O vídeo chama a atenção pelo bom-humor empregado e pela criatividade, segundo seus idealizadores, a ideia foi fazer um paralelo, uma vez que foi proposto que se falasse de meios que conectem ao mundo de forma mais subjetiva, sem auxílio da tecnologia, e eles se utilizaram do aplicativo *Whatsapp* para demonstrar que há uma alienação promovida pelas redes sociais, mas ao mesmo tempo é inegável sua utilidade de “conectar”;
- ✓ **Grupo 2** – A proposta do grupo 2 fugiu ao que foi proposto, uma vez que não produziram um vídeo e sim uma apresentação no *Prezi*, que é uma ferramenta de apresentação de slides. Apesar de pecarem quanto ao gênero que deveria ser produzido, foi transmitida através das imagens e frases que selecionaram o que julgaram conectar o jovem ao mundo, recorrendo a questões subjetivas como amor, amizade, músicas, família, viagens, lazer e justificaram oralmente o porquê de cada escolha;
- ✓ **Grupo 3** – O terceiro grupo produziu um vídeo incrível, engraçado, utilizando-se de *gifs*, que são aquelas imagens animadas, porém eles fugiram à temática proposta uma vez que o vídeo que produziram trazia o tema “O que é ser jovem?”. Todavia, mesmo sem intenção e de forma indireta, conseguiram traduzir o que conecta o jovem ao mundo, a partir da visão do que é a juventude;
- ✓ **Grupo 4** – O que chamou atenção na produção desse vídeo foi o empenho dos discentes. Eles saíram pela comunidade entrevistando jovens com faixa etária e ocupações diversas, questionando acerca do que os conectava ao mundo. Essas entrevistas, foram feitas tanto de forma escrita, como por intermédio de vídeo. E o resultado foi um mix de opiniões. Uns falavam da família, dos amigos, da fé, da cultura, da profissão, outros não tiveram como evitar falar da *internet*, redes sociais, televisão e afins, o que tornou o trabalho rico por conter diversas visões;
- ✓ **Grupo 5** – O último grupo utilizou-se de diversas imagens legendadas para demonstrar o que realmente conecta o jovem ao mundo, essas legendas formaram uma mensagem que evoca o valor das relações reais, em detrimento das virtuais e chama a atenção para a importância de se viver;

A partir dos vídeos ficou evidente o quão profícuo é dar ao aluno liberdade para utilizar sua imaginação, como diz Gadotti (2013, p. 7), “aqui se aplica o princípio de Einstein

[1] Links disponíveis no ANEXO I, p. 81

quando ele sustenta que, no desenvolvimento científico ‘a imaginação é mais importante do que o conhecimento’. Importante criar conhecimento e não reproduzir informações”. Assim, ao deixar que os alunos criassem seus próprios métodos, eles também criaram conhecimento e não apenas reproduziram o que acharam que se esperava, não foi algo pré-moldado.

Outro aspecto importante que deve ser destacado é a própria proposta de produção de um gênero que possibilita aos alunos utilizar-se de outras linguagens, que são necessárias para o desenvolvimento pleno do educando como cidadão. Bezerra (2000) defende que é necessário que dominemos não somente a linguagem falada e escrita, mas também outras linguagens, como a não-verbal e aqui entra a importância de se trabalhar essa campanha “Sou jovem e o que me conecta ao mundo é...”, pois os alunos tiveram a oportunidade de se comunicar de uma forma diversa daquela que sempre praticam em sala de aula, puderam utilizar a mídia para expressar seus conhecimentos,

Ainda cabe enfatizar que com este uso das mídias reverte-se um quadro, aquilo que era tido como vilão na aula de literatura, torna-se ferramenta para consolidação de um trabalho de formação leitora, uma vez que, Colomer (2007), ao elencar as possíveis causas para o insucesso da formação de leitores na escola, fala da questão de outros meios, como o audioviosual que, atualmente, estão cumprindo funções outrora outorgadas a literatura como o “consumo de ficção ou a posse de referências compartilhadas”, por isso faz-se necessário que sejam rompidos certos preconceitos em prol de um bem maior que a formação leitora, é necessário que escola se abra a novos modos de conceber a literatura e seu estudo e não tenha medo de ousar, de intercalar diferentes mídias e modos de se tratar a leitura. Afinal, não lemos apenas palavras, lemos imagens, lemos gestos, lemos o mundo.

Após a apresentação dos vídeos, realizamos um *quiz* que contemplou tudo que foi estudado durante os encontros da sequência. A turma foi dividida em dois grandes grupos e cada um elegeu um representante que ficaria responsável por levantar placas que continham as letras A, B, C, D, que, por sua vez correspondiam a uma resposta às questões objetivas contidas no *Quiz Jovem Ainda* (APÊNDICE D, p. 71). Foi um momento de interação, diversão, compartilhamento de conhecimento e confraternização para marcar o fechamento da sequência. O grupo vencedor foi premiado e o que ficou em segundo lugar (pois nenhum foi perdedor) ganhou outro prêmio. Após isso, houve um momento para um *feedback* de toda a sequência, no qual os alunos poderão relatar sua experiência com a leitura, seu envolvimento com a temática, enfim, todos os pontos positivos ou não do período de intervenção e o que deve ser ressaltado foram suas colocações acerca do poder aprender e se divertir ao mesmo

tempo, sentir-se à vontade no ambiente de sala de aula, tanto que não tinham medo de opinar e, por ventura, errar e isso foi muito positivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o ensino de literatura é uma preocupação no cenário educacional atual, que o que os documentos oficiais apregoam pode ser difícil de aplicar, mas é necessário que as velhas práticas sejam revistas, de modo que a prática docente não se torne obsoleta diante de tantas novidades e atrativos que emergem todos os dias na nossa sociedade. É necessário, mais do que nunca, que a escola reveja seu papel na sociedade e assuma as rédeas da formação cidadã de sua clientela. Para além de sistematizar conhecimento, que ela gere conhecimento.

Esse trabalho permitiu a constatação de que um trabalho planejado tem grandes chances de ser bem sucedido, uma vez que se o docente consegue, de certo modo, roteirizar suas ações terá uma maior segurança no que está transmitindo, assim como o aluno perceberá a linearidade do trabalho e os resultados disso são muito positivos para ambos os lados.

Quanto a verificação, por intermédio do questionário, da forma como o jovem se enxerga, como ele se percebe dentro do mundo, possibilitou ter a noção da multiplicidade de olhares que a juventude tem sobre o que está a sua volta e sua percepção subjetiva de seu lugar social, desatrelando-se da questão da idade e atribuindo sua jovialidade a sua disposição, ao lugar que ocupa na sociedade, identificando-se ou não como jovem a partir do pré-requisito de “aproveitar” ou não a vida. Assim como, surpreende seu otimismo mesmo em meio ao caos vivido pelo país, no qual se assumem satisfeitos, felizes, vendo mais benefícios que malefícios em ser jovem na conjuntura atual da sociedade.

A partir do que foi feito por intermédio da sequência didática aqui analisada foi possível perceber o quão profícuo é o trabalho com música aliada à poesia e mais, o quão motivador é o trabalho a partir de uma temática, essa isca que chama a atenção do educando, que gera o interesse que o motiva a ler, a buscar mais informações, a discutir, partindo do que sabe para conhecer o novo, para ser apresentado a literariedade do texto.

A leitura de poemas, que é tão apontada como uma dificuldade na sala de aula, obteve sucesso a partir de uma forma lúdica, leve, de se trabalhar, que não devemos confundir com divertimento puro e simples, mas uma forma alternativa de se introduzir o que se quer na aula, um ponto de partida que gera uma quebra inicial na resistência do educando e favorece a aproximação professor/aluno, aluno/aluno promovendo uma maior interação na sala de aula, um maior compartilhamento de ideias e um menor medo do erro, pois se entende que o conhecimento é firmado a partir da tentativa e o erro faz parte desta construção.

Outro ponto de destaque é o trabalho com as diferentes mídias, a utilização de vídeos, músicas nas aulas, a utilização do *Facebook* como espaço de interação fora dela, assim como a proposição e a realização de uma produção audiovisual, rompe paradigmas e preconceitos e chama a atenção para outras formas de interação em sala de aula, para outros letramentos, para um olhar multissemiótico, onde além do texto escrito há a atenção ao texto oral, imagético, gestual, afinal, n sociedade estamos expostos a diferentes tipos de linguagens.

Mas acima de tudo é importante frisar que formar leitores vai muito além de se trabalhar escolas literárias, analisar questões formais, alguém se torna leitor a partir do contato íntimo com o texto, da leitura, seja ela silenciosa ou em voz alta, mais de uma vez, é o ir e vir, a compreensão e não mera decodificação. A formação leitora se dá quando se consegue aproximar o educando do texto, que ele busque ler como forma de prazer estético, de fruição, como ferramenta de humanização, que não enxergue a leitura como algo da escola, limitado, enfadonho, como sendo apenas uma ferramenta avaliativa, desconexa de seu mundo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Leitura e escrita: desafios para o próximo milênio. **Graphos.** João Pessoa. P. 73 – 80. Dez/2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio: Linguagens códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio: Linguagens códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: conhecimentos de língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. **Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF, Senado Federal, 2013.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 9ª ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Brasil: uma sociedade de jovens?. In. BRASIL. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, 2008. p. 11 – 27.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P. **Metodologia do ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 2002.

DOLZ ,J.; NOVERRAZ, M. & SHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In. CORDEIRO, G.S. & ROJO, R.. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar**, Editora da UFPR: Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil & ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In. **Congresso Português de Sociologia.** 6. 2008. Lisboa. *Anais...* 2008. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008, 14 p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, M. T. A. Leitura, escrita e literatura em tempos de internet. In. PAIVA, A, et al (Orgs.). **Literatura e letramento:** espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2005, p. 155 – 173.

FUSARI, José Cerchi. **O Planejamento do Trabalho Pedagógico**: Algumas Indagações e Tentativas de Respostas. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em: Set. 2015.

GADOTTI, Moacyr. **Qualidade na educação**: Uma nova abordagem. Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf. Acesso em. Ago. 2015.

GUIMARÃES, R. B. J. O estágio curricular no curso de letras: o desafio de ensinar a ensinar literatura. In. MILREU, I & RODRIGUES, M. C. (Orgs.). **Ensino de língua e literatura**: políticas, práticas e projetos. Campina Grande: Bagagem/UFCG, 2012, p. 273 – 288.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente.13º ed.São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO, Thaís (Org.). **Criatividade em sala de aula:** 17+1 atividades para tornar suas aulas mais interessantes. 5. ed. rev. e ampl. Curitiba, PR: Humana Editorial, 2005.

MARCUSCHI, Elizabeth. O que nos dizem o SAEB e ENEM sobre o currículo de língua portuguesa para o ensino médio. In____ BUNZEN, C. MENDONÇA, M. (orgs.) Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 57-82.

MARIA, L. Leitura: uma concepção política. In. _____. **Leitura & Colheita**: livros, leitura e formação de leitores. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 50 – 64.

MEIRELES, E. Literatura com muito **Prazer. Revista Nova Escola.** Ano 25, n. 234, ago. 2010. p. 49 – 58.

MORAES, Carolina Roberta & VARELA, Simone. **Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem.** Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007. Disponível em: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf. Acesso em: Set. 2015.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento.** São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

NOT, Louis. **Ensinando a aprender:** elementos de psicodidática geral. São Paulo: Summus, 1993.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. **Literatura.** Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/ SEB/ DPPEM, 2004

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula.** 2 ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

PONDÉ, G. M. F. Poesia para crianças: a mágica da infância. In: ZILBERMAN, R. (Org.) **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

RIBEIRO, Mariângela Felício. **A atividade lúdica é essencial para manter o interesse do aluno:** relatos de professores de língua francesa sobre o uso do lúdico em sala de aula. João Pessoa, 2011. 39f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2011.

ROLOFF, Eleana Margarete**. A importância do lúdico em sala de aula.** Disponível em: http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf. Acesso em: Set. 2015.

SALLES. Miriam. **Nativos e imigrantes digitais**: um mito? Blog sobre Informática Educacional e Meio Ambiente. Disponível em: http://miriamsalles.info/wp/?p=373. Publicado em: 27 nov. 2007.

SILVEIRA, Denise Tolfo & CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In. GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31 – 42.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TFOUNI, L.V. **Adultos não alfabetizados:** o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PROGRAMA DE ATIVIDADES

TEMÁTICA PRINCIPAL:

- ✓ As faces da juventude na sociedade moderna.

GÊNEROS:

- ✓ Música, poema.

CONTEÚDO:

- ✓ Discussão sobre a juventude a partir de uma perspectiva histórica e cultural;
- ✓ Reflexões sobre questões sociais importantes relacionadas à juventude;
- ✓ Análise das diferentes configurações da postura dos jovens através da história;
- ✓ Estudo dos gêneros música e poema, a partir de aspectos temáticos e formais.

OBJETIVO GERAL:

- ✓ Refletir sobre a (as) postura (s) dos jovens socialmente construídas nas letras das músicas e poemas modernos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Desenvolver o senso crítico e reflexivo dos alunos;
- ✓ Aperfeiçoar a competência de leitura e interpretação de textos literários e não literários;
- ✓ Reconhecer as características estruturais dos gêneros: música e poema.

TEMPO ESTIMADO:

- ✓ 10 aulas de 45min cada.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1º ENCONTRO (2 aulas): SOU OU NÃO JOVEM? EIS A QUESTÃO!

- Recepção dos educandos com a sala toda decorada com cartazes, contendo frases que remetam à juventude. Os discentes serão incentivados a percorrerem a sala, observarem os cartazes para começarem a desvendar do que se trata as aulas;
- **Elemento motivador**: Em seguida, para descontrair e colaborar ainda mais com a descoberta da temática, os educandos irão ver um vídeo do seriado Chaves, no qual entrarão em contato com a música "Se você é jovem ainda";
- Logo após, descobrirem a temática e serem informados sobre como se dará o processo das aulas, eles receberão um questionário com questões relativas à juventude e responderão, segundo seus conhecimentos e suas perspectivas;
- Concluído o momento de escrita de respostas, os alunos exporão oralmente, através de uma conversa grupal, aquilo que responderam no questionário;
- Terminado o diálogo, que servirá para fins de diagnóstico, veremos o vídeo do *"We all wanna be Young",* que traz de forma rápida e didática a apresentação de construções sobre a juventude em diferentes épocas;
- Leitura e interpretação do poema "Parâmetro", de Adélia Prado, com o intuito de discutir sobre esse ideal da juventude, da super-valorização dessa etapa da vida;
- Ao final da aula, será proposto aos alunos que façam uma entrevista com pessoas de outras gerações: avós pais, tios, vizinhos e tragam na aula posterior suas pesquisas para que discutamos como era ser jovem na época deles e o que difere da nossa.

2º ENCONTRO (2 AULAS): *BABYBOOMERS/*AMOR E RELACIONAMENTO

- Iniciaremos retomando o que foi pedido na aula anterior, solicitando que os alunos exponham suas pesquisas com as outras gerações, como também expondo sua própria opinião sobre o assunto;
- **Elemento motivador:** Concluídas as discussões, será ouvida a canção **"**Era um garoto", d'Os incríveis, que servirá elementos motivador para o encontro, a partir da discussão da música, serão expostas, através de slides, como era a Geração dos *Babyboomers* e como

se concebia os relacionamentos naquela época do pós-guerra, aquele ideal de família perfeita de estabilidade, tanto financeira quanto emocional;

- Em seguida, assistiremos ao vídeo "Amor", do Canal Porta dos Fundos. O intuito é discutir a superficialidades das relações, inicialmente pautadas em imediatismo, que logo são deixados de lado em função da individualidade, o que caracteriza nossa realidade atual de relacionamentos líquidos;
- Visto o vídeo e discutidas as questões pertinentes, os alunos serão postos em contato com o "Soneto de fidelidade", de Vinícius de Moraes, a partir do qual, além da temática, discutiremos também a questões formais do poema, relevantes para a interpretação;
- Por fim, será solicitado que os educandos escutem duas canções "Eu sei que vou te amar", de Vinicius de Moraes e Tom Jobim e "Amor líquido", de Caos restrito e façam um comparativo, dizendo que tipo de amor eles acham que está mais próximo de como são os relacionamentos atuais.

3º ENCONTRO (2 AULAS): GERAÇÃO X/CONSUMISMO

- **Elemento motivador:** Será ouvida a música "Geração Coca-cola", Legião Urbana, que servirá de elemento motivador para a discussão acerca da Geração X e também como base para a apresentação da questão do consumismo;
- Logo após esse momento de contextualização e discussão com os alunos será lido o poema "Eu, etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade, que possibilitará um aprofundamento sobre o tema consumismo. A partir dele, discutiremos através de slides o que é o consumismo e até que ponto ele é saudável ou não;
- Para embasar esta questão traremos a faixa musical "Tá patrão", de Mc Guimê, para discutir a respeito da idolatria da ostentação na sociedade atual e como a mídia nos leva a crer que se vale mais o que se tem do que o que se é;
- Para finalizar, será realizada a dinâmica "ConsumoXConsumismo", na qual o docente trará folhetos de propaganda de diversos estabelecimentos comerciais, com os mais diversos produtos. Os discentes serão orientados a escolherem os produtos que mais desejem comprar. A sala será dividida em grupos e estes serão orientados a procurar nos encartes duas categorias de produtos, de um lado aqueles que são realmente necessários e indispensáveis no dia a dia, do outro, produtos supérfluos, que não são realmente

necessários, mas que mesmo assim eles consumiriam. O objetivo da dinâmica é discutir sobre o consumo consciente e perceber como os jovens lidam com a questão econômica.

4º ENCONTRO (2 AULAS): GERAÇÃO Y E Z/*INTERNET*

- **Elemento motivador:** O encontro será iniciado com a música "Admirável chip novo", de Pitty, com o intuito de que os educandos avaliem o conteúdo da letra da música e possam perceber essa condição mecânica a qual estamos suscetíveis, se não, fadados na realidade atual. A partir da interpretação da faixa musical será feito um paralelo sobre a questão trazida na letra e as chamadas Geração Y, Geração Z e a Geração Alpha e sua realidade hiperconectada, destacando até que ponto a internet é nos serve e até que ponto somos nós meros instrumentos dela. O objetivo é discutir essa questão da alienação promovida pelo universo virtual;
- Em seguida, será lido, em conjunto com os discentes, o poema "Dáblio, dáblio, dáblio", De Marina Mara, que traz ao mesmo tempo uma crítica e um brado sobre o uso da internet, esta como sendo muito mais que uma ferramenta, tornando-se o centro, o mais importante da vida.
- Concluída a discussão do poema, assistiremos ao documentário "Z geração do agora", que traz a caracterização dessa geração imersa na tecnologia;
- Os discentes serão questionados se eles se acham dependentes das redes sociais ou se conseguem controlar o acesso a essas ferramentas. Serão instigados a falar se conversam e interagem mais face a face ou via aplicativos de mensagens instantâneas e também quanto tempo passam longe dessas mídias, desconectados. Nesse momento, será sugerido que os alunos escrevam frases que digam o que os permite "desconectar" e viver no mundo real.
- A partir daí, serão orientados sobre a atividade final que contemplará a temática trabalhada nos encontros à essa realidade hiperconectada nas Geração Y e Z. Serão vídeos que serão veiculados nas redes sociais "Sou jovem e o que me conecta ao mundo é...". Nesse vídeo serão utilizadas fotos das frases idealizadas pelos alunos, além de falas dos que se dispuserem, os discentes serão orientados, inclusive, a filmar outros jovens relatando o que os conecta ao mundo.

5º ENCONTRO (2 aulas): JUVENTUDE ATUAL

- Neste último encontro serão apresentados os vídeos da campanha "Sou jovem e o que me conecta ao mundo é..." produzidos pelos discentes e também será feito um *quiz* contemplando todas as gerações estudadas durante a sequência, após isso haverá um momento para um *feed back* de toda a sequência, no qual os alunos poderão relatar sua experiência com a leitura, seu envolvimento com a temática, enfim, todos os pontos positivos ou não do período de intervenção.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE Carlos Drummond de. **Obra poética**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

CAOS RESTRITO. **Amor líquido**. Disponível em: https://www.letras.mus.br/caos-restrito/1820994/. Acesso em: março 2016.

CHAVES. **Se você é jovem ainda.** Disponível em: https://www.letras.mus.br/chaves/135017/. Acesso em: Março 2016.

JOBIM, Tom. **Eu sei que vou te amar.** Disponível em: https://www.letras.mus.br/tom-jobim/49040/. Acesso em: Março 2016.

LEGIÃO URBANA. **Geração Coca-Cola**. Disponível em: https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/45051/. Acesso em: março 2016.

MARA, Marina. **Dáblio, dáblio, dáblio.** Disponível em: http://www.marinamara.com.br/2010/11/19/dablio-dablio-dablio/comment-page-1/. Acesso em: 09/06/2014, às 22hrs47min.

MC GUIMÊ. **Tá patrão.** Disponível em: https://www.letras.mus.br/mc-guime/1986417/. Acesso em: março 2016.

MORAES, Vinicius de. **Antologia Poética**. Editora do Autor: Rio de Janeiro, 1960. p. 96.

OS INCRÍVEIS. **Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones.** Disponível em: https://www.letras.mus.br/os-incriveis/47830/. Acesso em: Março 2016.

PITTY. **Admirável chip novo**. Disponível em: https://www.letras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/. Acesso em: março 2016.

APÊNDICE B – MÓDULO DIDÁTICO

UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Professora:
Fabiana Souza

MÓDULO:

AS FACES DA JUVENTUDE

na sociedade moderna

DISCENTE: _____

SE VOCÊ É JOVEM AINDA

(Seriado Chaves)

Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda
Amanhã velho será, velho será, velho será!
A menos que o coração, que o coração sustente
A juventude que nunca morrerá!

Existem jovens de oitenta e tantos anos
E também velhos de apenas vinte e seis
Porque velhice não significa nada
E a juventude volta sempre outra vez!

Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda
Amanhã velho será, velho será, velho será!
A menos que o coração, que o coração sustente
A juventude que nunca morrerá!

E você é tão jovem quanto sente
Pode apostar: é jovem pra valer
E velho é quem perde a pureza
E também é quem deixa de aprender!
Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda
Amanhã velho será, velho será, velho será!
A menos que o coração, que o coração sustente
A juventude que nunca morrerá!

Não diga não à vida que te espera
Pra festejar a alegria de viver
Pra agradecer a luz do seu caminho
E você vai com isso entender!
Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda
Amanhã velho será, velho será, velho será!
A menos que o coração, que o coração sustente
A juventude que nunca morrerá!

Nhonho: "Olha, olha turma! O Dr. Chapatin!
É o velho mais jovem que eu conheço!"
Dr. Chapatin: "Eu não sou velho, viu!
Sou uma pessoa vivida!"
Nhonho: "É, Dr. Chapatin,
Quantos anos o senhor tem, hein?"
Dr. Chapatin: "Eu? Todos!
Mas isso não te interessa, ouviu!
Jovem ainda!"

Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda
Amanhã velho será, velho será, velho será!
A menos que o coração, que o coração sustente
A juventude que nunca morrerá!
Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda
Amanhã velho será, velho será, velho será!
A menos que o coração, que o coração sustente
A juventude que nunca morrerá!

Disponível em: https://www.letras.mus.br/chaves/135017/. Acesso em: Março 2016.

PARÂMETRO

(Adélia Prado)

Deus é mais belo que eu.

E não é jovem.

Isto sim, é consolo.

ERA UM GAROTO QUE COMO EU AMAVA OS BEATLES E OS ROLLING STONES

(Os Incríveis)

Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones

Girava o mundo sempre a cantar as coisas lindas da América

Não era belo mas mesmo assim havia mil garotas a fim.

Cantava Help and Ticket to ride, oh! Lady Jane and Yesterday

Cantava viva à liberdade, mas uma carta sem esperar

Da sua guitarra o separou, fora chamado na América.

Stop! Com Rolling Stones, stop! com Beatles songs.

Mandado foi ao Vietnã, brigar com vietcongs.

Tatá-ratatá...

Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones

Girava o mundo mas acabou, fazendo a guerra do Vietnã

Cabelos longos não usa mais, nem toca a sua guitarra e sim

Um instrumento que sempre dá a mesma nota ra-tá-tá-tá

Não vê amigos, nem mais garotas, só gente morta caída ao chão

Ao seu país não voltará, pois está morto no Vietnã.

Stop! Com Rolling Stones, stop! com Beatles songs

No peito um coração não há, mas duas medalhas sim.

Tatá-ratatá... Ra-tá-tá-tá tá-tá

Disponível em: https://www.letras.mus.br/os-incriveis/47830/. Acesso em: Março 2016.

GERAÇÃO BB (BABY BOMMERS)

Baby Boomer é uma definição genérica para crianças nascidas durante uma explosão populacional – *Baby Boom* em inglês, ou, em uma tradução livre, Explosão de Bebês que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial. O mundo vivia um momento de crise e após as tragédias vivenciadas na guerra a busca era por paz e estabilidade. Essa foi uma geração que valorizou muito a família, uma geração de esperança.

Disponível em : http://viniciuspinto.com/marketing-digital/geracoes-bb-x-y-e-z-todos-queremos-ser-jovens/#ixzz44MC3BKHd. Acesso Março 2016

SONETO DE FIDELIDADE
(Vinicius de Moraes)

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

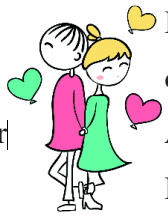
Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

MORAES, Vinicius de. **Antologia Poética**. Editora do Autor: Rio de Janeiro, 1960. p. 96.

EU SEI QUE VOU TE AMAR

(Tom Jobim)

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar



E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida
Eu sei que vou chorar

A cada ausência tua eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que esta ausência tua me causou

Eu sei que vou sofrer a eterna desventura de viver
A espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida

Disponível em: https://www.letras.mus.br/tom-jobim/49040/. Acesso em: Março 2016.

AMOR LÍQUIDO

(Caos Restrito)

Amor líquido: descartável amor.
"melhor assim", ela disse,
Termina sem rancor.
Amor líquido: é a mais nova moda
Dizer que ama dez segundos antes de ir embora.

Amor líquido: com prazo de validade
Com garantia em defeitos de fábrica
Amor fácil, sem saudade.

Amor líquido: descompromisso... tanto faz...
Amor líquido: customize sua paixão agora
Escolha os olhos, cor e cabelo
Programe a hora de jogar fora.
Amor líquido: saliva, sexo, suor.
Vista suas roupas logo.
Dê o fora, me deixe só.

Amor líquido: diga seu nome se quiser.
Troque carícias comigo
Mas esconda teu rosto se puder.
Amor líquido: queda, precipício.
Belo novo mundo...
Amor líquido: fogo sem calor.
Tudo menos... tudo menos... tudo menos amor.

Disponível em: https://www.letras.mus.br/caos-restrito/1820994/. Acesso em: março 2016.

GERAÇÃO COCA-COLA

(Legião Urbana)

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês
Nos empurraram com os enlatados
Dos U.S.A., de 9 às 6

Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola

Depois de 20 anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser

Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola

Depois de 20 anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser

Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-cola
Geração Coca-cola
Geração Coca-cola
Geração Coca-Cola

Disponível em: https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/45051/. Acesso em: março 2016.

GERAÇÃO X

Esta geração é composta dos filhos dos Baby Boomers da Segunda Guerra Mundial. Os integrantes da Geração X têm sua data de nascimento, localizada, aproximadamente, entre os anos 1960 e 1980. Foi quando se conceberam os principais movimentos de jovens revolucionários.

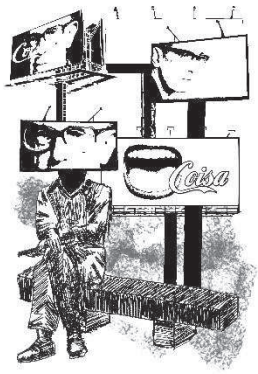
Disponível em: http://viniciuspinto.com/marketing-digital/geracoes-bb-x-y-e-z-todos-queremos-ser-jovens/#ixzz44MElFeci. Acesso em: março de 2016

EU, ETIQUETA

(Carlos Drummond de Andrade)

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim mesmo,

ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio,
ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).
E nisto me comparo, tiro glória
de minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam
e cada gesto, cada olhar
cada vinco da roupa
sou gravado de forma universal,
saio da estamparia, não de casa,
da vitrine me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente.



ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra poética**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

TÁ PATRÃO

(MC Guimê)

Se um é pouco
Dois é bom
Três é demais!
Mc Guime, Kondzilla
Dj Bala na batida
Vai segurando
Tapa, tapa tá patrão

Quando dá uma hora da manhã
É que o bonde se prepara pra vibe
Abotoa a polo listrada
Da um nó no cadarço, no tênis da Nike

Joga o cabelo pra cima
Ou põe o boné que combina com a roupa
A picadilha pode ser de boy
Mas não vale esquecer que somos vida loca

As mais top vem do nosso lado
Ficam surpresas, ganha mó moral
Se o paparazzi chega nesse baile
Amanhã seu pai vê sua foto no jornal

Portando o kit de nave do ano
Essa é a nossa condição
Olha só como que o bonde tá

Tapa, tapa, tá patrão
Tapa, tapa, tá patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley
Camisa da Oakley, olha a situação
Tapa, tapa, tá patrão
Tapa, tapa, tá patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley
Camisa da Oakley, olha a situação

Tapa, tapa, tá patrão
Tapa, tapa, tá patrão
Caralho, moleque, vai segurando
Tapa, tapa, tá patrão
Quando dá uma hora da manhã

É que o bonde se prepara pra vibe
Abotoa a polo listrada
Da um nó no cadarço, no tênis da Nike

Joga o cabelo pra cima
Ou põe o boné que combina com a roupa
A picadilha pode ser de boy
Mas não vale esquecer que somos vida loca

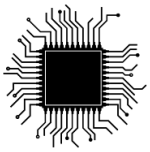
As mais top vem do nosso lado
Ficam surpresas, ganha mó moral
Se o paparazzi chega nesse baile
Amanhã seu pai vê sua foto no jornal

Portando o kit de nave do ano
Essa é a nossa condição
Olha só como que o bonde tá

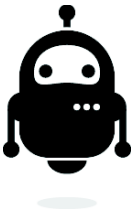
Tapa, tapa, tá patrão
Tapa, tapa, tá patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley
Camisa da Oakley, olha a situação

Tapa, tapa, tá patrão
Tapa, tapa, tá patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley
Camisa da Oakley, olha a situação
Tapa, tapa, tá patrão
Tapa, tapa, tá patrão
Caralho, moleque, vai segurando
Tapa, tapa, tá patrão
Quando ouviu o barulho do motor
Era nós passando pela sua quebrada
Levantou e foi ver na janela
Na hora que viu ficou impressionada
De Hornet ou de R1
Se só foder, de moto eu paro
Eu vou até minha garagem
Buscar meu Veloster, Sonata ou Camaro
Tapa, tapa, tá patrão
Tapa, tapa, tá patrão

Disponível em: https://www.letras.mus.br/mc-guime/1986417/. Acesso em: março 2016.



ADMIRÁVEL CHIP NOVO
(Pitty)



Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

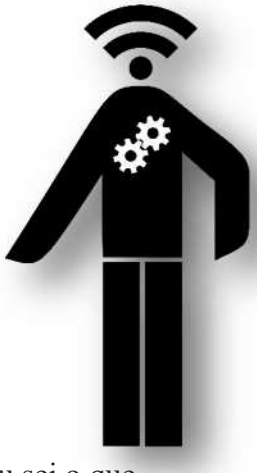
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema



Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor

Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer:
Reinstalar o sistema...

Disponível em: https://www.letras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/. Acesso em: março 2016.

GERAÇÃO Y

É também chamada de Geração Next ou Millennnials. Apesar de não haver um consenso a respeito do período desta geração, a maioria da literatura se refere à Geração Y como as pessoas nascida entre os anos 1980 e 2000. São, por isso, muitos deles, filhos da geração X e netos da Geração Baby Boomers.

GERAÇÃO Z

Formada por indivíduos constantemente conectados através de dispositivos portáteis e, preocupados com o meio ambiente, a Geração Z não tem uma data definida. Pode ser integrante ou parte da Geração Y, já que a maioria dos autores posiciona o nascimento das pessoas da Geração Z entre 1990 e 2009.

Disponível em: http://viniciuspinto.com/marketing-digital/geracoes-bb-x-y-e-ztodos-queremos-ser-jovens/#ixzz44MH171up. Acesso em: Março de 2016.

DÁBLIO, DÁBLIO, DÁBLIO

(Marina Mara)

Ficar sem cel era ficar sem chão na década passada.
O que era o nosso íntimo, o nosso segredo a ser decifrado,
Hoje é débil, é dáblio, dáblio, dáblio.

A superexposição é vitrine, é no monte, é massa
Bebida em taça de brinde... à e-ngenuidade
A conexão que nos desconecta de nós mesmos
Acaba por nos hipnó-ticamente, convencer a baixarmos
o *software* e não baixarmos o Santo.

Digitalizando-nos, deletando nossas mazelas,
Como se delas não precisássemos para nossa lapidação,
Dourando a pílula, a pele e os apelos, quase sem pelos
Esculpidos por um bisturi *online* e *for free*

Para opinião: senha, para visitar: perfil
Enviando abraços não-sonoros, sem abraço e sem fio.
Menos textos e mais texturas!
Menos *pixels* e mais paixões!

Disponível em: http://www.marinamara.com.br/2010/11/19/dablio-dablio-dablio/comment-page-1/. Acesso em: março 2016.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FABIANA SOUZA

1 – O que é ser jovem? Será que é apenas uma questão de idade?

2 – Você se considera jovem? Se sim, o que o faz sentir jovem? Se não, por quê?

3 – Existe diferença entre jovem e adolescente? Se houver, explique-se.

4 – Quais os benefícios de ser jovem? E as dificuldades ou prejuízos?

5 – Ser jovem é ser adulto? E um adulto pode ser jovem?

6 – Pense sobre sua comunidade e responda: No que ela precisa melhorar para atender aos jovens?

7 – Cite três características da juventude.

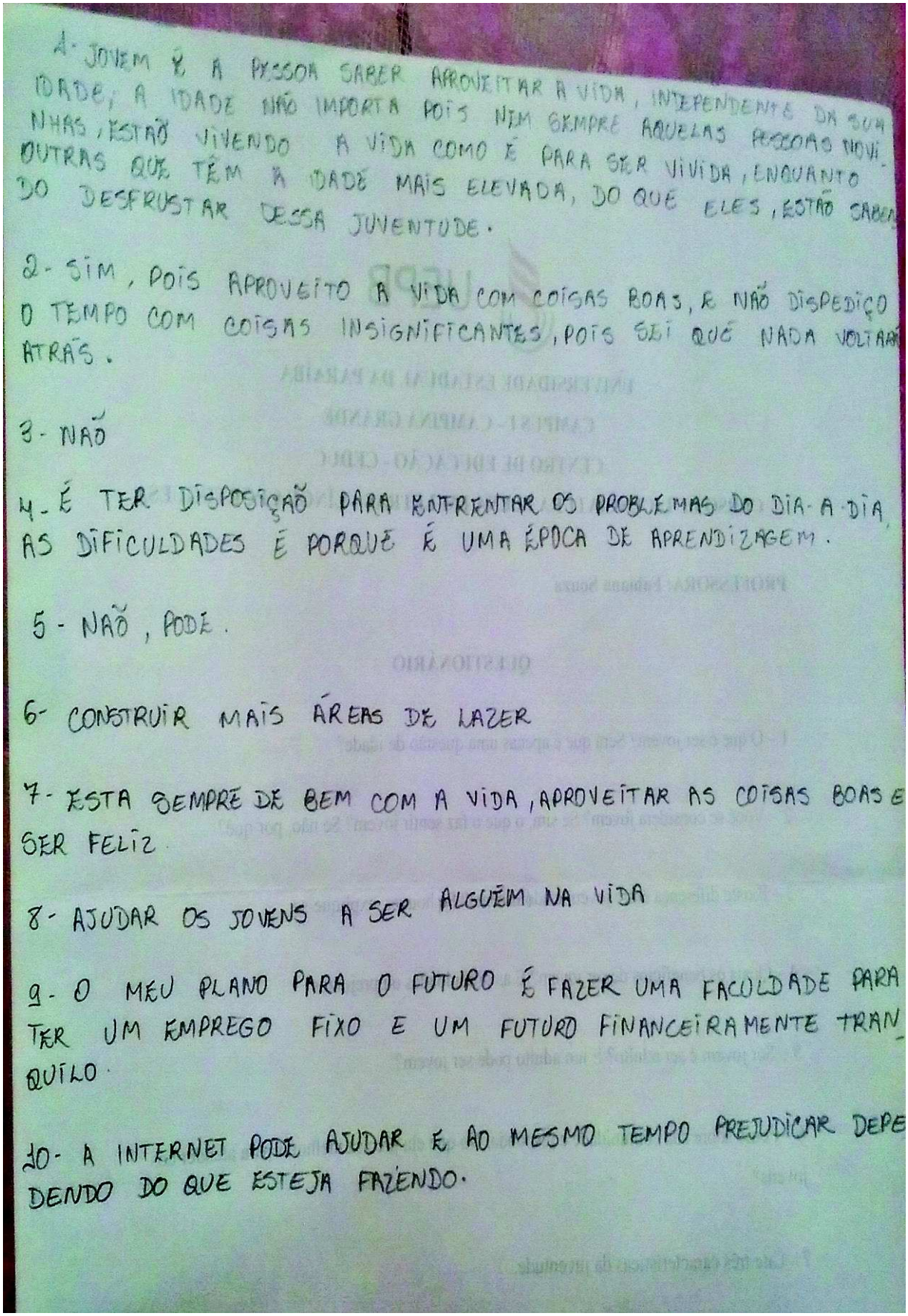
8 – Qual o papel da escola na vida do jovem?

9 – Você já tem sonhos e planos para o futuro ou não pensa sobre isso?

10 – Na sua opinião, a internet ajuda ou atrapalha nas relações pessoais? Justifique.

APÊNDICE D – *QUIZ*

ANEXO A – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 1



1- JOVEM É A PESSOA SABER APROVEITAR A VIDA, INDEPENDENTE DA SUA IDADE, A IDADE NÃO IMPORTA POIS NEM SEMPRE AQUELAS PESSOAS MAIS NOVINHAS, ESTÃO VIVENDO A VIDA COMO É PARA SER VIVIDA, ENQUANTO OUTRAS QUE TÊM A IDADE MAIS ELEVADA, DO QUE ELES, ESTÃO SABENDO DESFRUSTAR DESSA JUVENTUDE.

2- SIM, POIS APROVEITO A VIDA COM COISAS BOAS, E NÃO DISPEDIÇO O TEMPO COM COISAS INSIGNIFICANTES, POIS SEI QUE NADA VOLTARÁ ATRÁS.

3- NÃO

4- É TER DISPOSIÇÃO PARA ENFRENTAR OS PROBLEMAS DO DIA-A-DIA, AS DIFICULDADES É PORQUE É UMA ÉPOCA DE APRENDIZAGEM.

5- NÃO, PODE.

6- CONSTRUIR MAIS ÁREAS DE LAZER

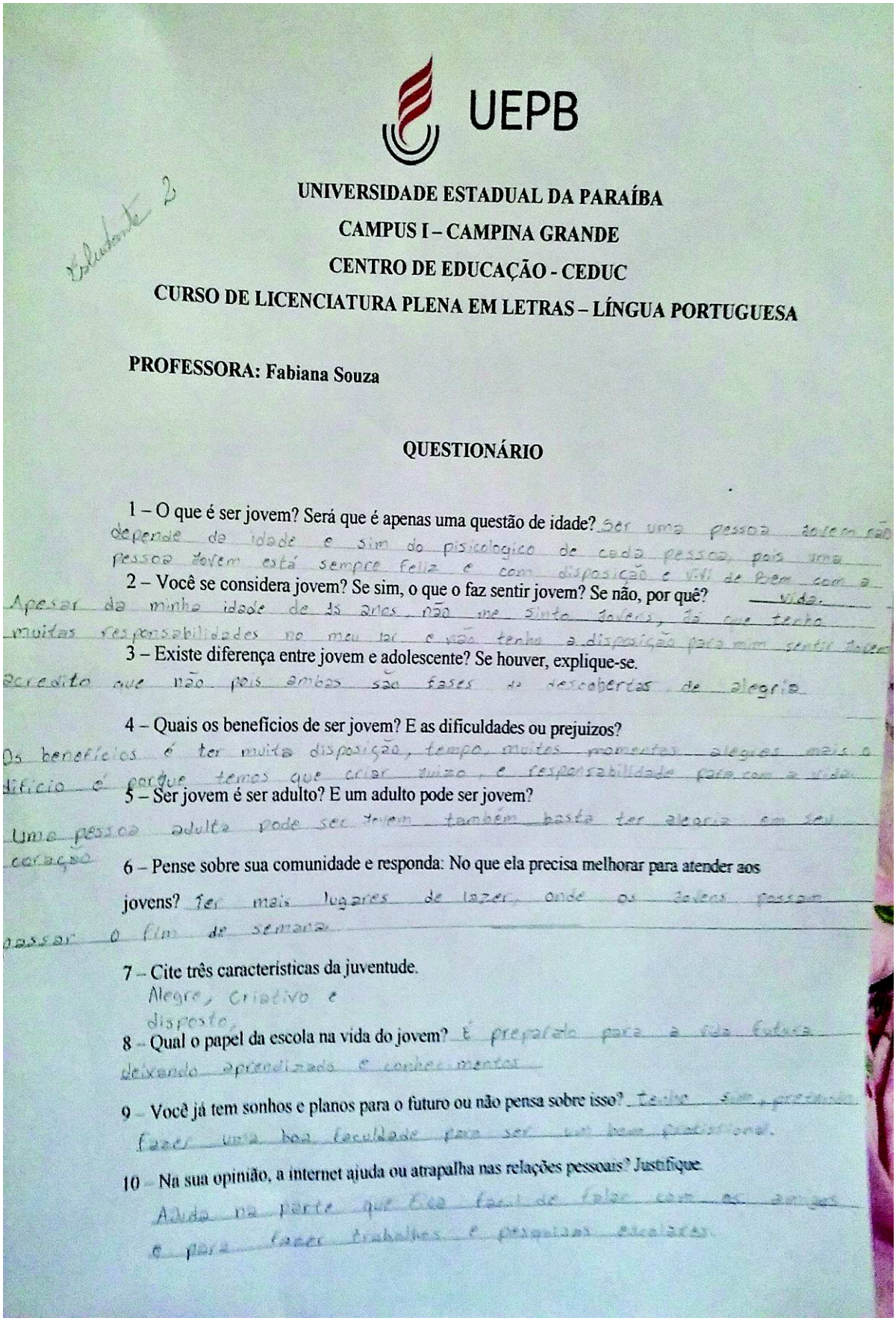
7- ESTA SEMPRE DE BEM COM A VIDA, APROVEITAR AS COISAS BOAS E SER FELIZ.

8- AJUDAR OS JOVENS A SER ALGUÉM NA VIDA

9- O MEU PLANO PARA O FUTURO É FAZER UMA FACULDADE PARA TER UM EMPREGO FIXO E UM FUTURO FINANCEIRAMENTE TRANQUILO.

10- A INTERNET PODE AJUDAR E AO MESMO TEMPO PREJUDICAR DEPENDENDO DO QUE ESTEJA FAZENDO.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 2



UEPB

Estudante 2

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA: Fabiana Souza

QUESTIONÁRIO

1 – O que é ser jovem? Será que é apenas uma questão de idade? Ser uma pessoa jovem não depende de idade e sim do pisicologico de cada pessoa, pois uma pessoa jovem está sempre feliz e com disposição e vibi de bem com a vida.

2 – Você se considera jovem? Se sim, o que o faz sentir jovem? Se não, por quê? Apesar da minha idade de 15 anos não me sinto jovens, já que tenho muitas responsabilidades no meu lar e não tenho a disposição para mim sentir jovem

3 – Existe diferença entre jovem e adolescente? Se houver, explique-se.
Acredito que não pois ambas são fases de descobertas de alegria

4 – Quais os benefícios de ser jovem? E as dificuldades ou prejuízos?
Os benefícios é ter muita disposição, tempo, muitos momentos alegres mais o difícil é porque temos que criar juizo, e responsabilidade para com a vida

5 – Ser jovem é ser adulto? E um adulto pode ser jovem?
Uma pessoa adulta pode ser jovem também basta ter alegria em seu coração

6 – Pense sobre sua comunidade e responda: No que ela precisa melhorar para atender aos jovens? Ter mais lugares de lazer, onde os jovens possam passar o fim de semana

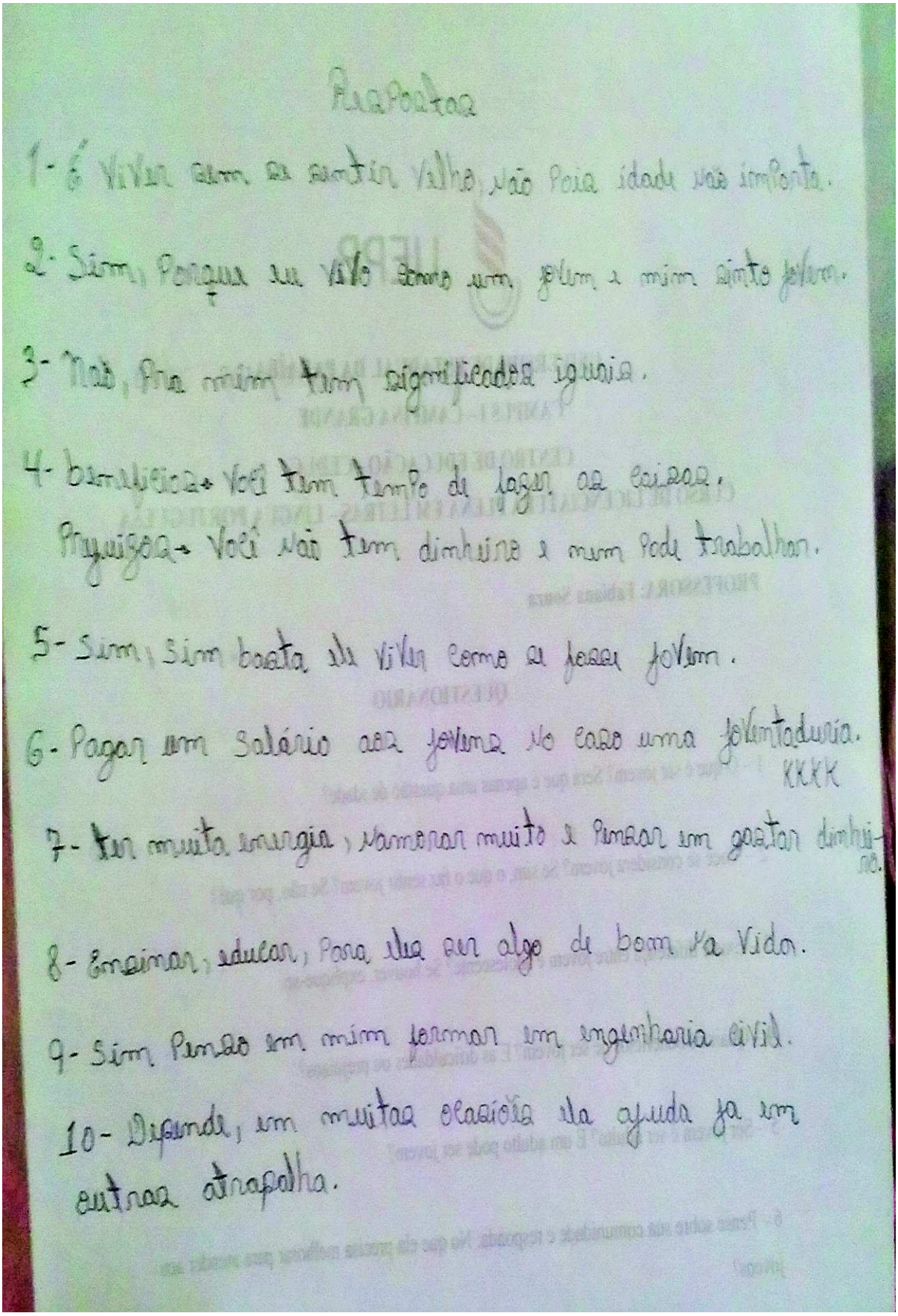
7 – Cite três características da juventude.
Alegre, Criativo e disposto.

8 – Qual o papel da escola na vida do jovem? É preparalo para a vida futura deixando aprendizado e conhecimentos

9 – Você já tem sonhos e planos para o futuro ou não pensa sobre isso? Tenho sim pretendo fazer uma boa faculdade para ser um bom profissional.

10 – Na sua opinião, a internet ajuda ou atrapalha nas relações pessoais? Justifique.
Ajuda na parte que fica fácil de falar com os amigos e para fazer trabalhos e pesquisas escolares.

ANEXO C – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 3



Respostas

1- É viver sem se sentir velho, não pois idade não importa.

2- Sim, porque eu vivo como um jovem e mim sinto jovem.

3- Não, pra mim tem significados iguais.

4- beneficios → você tem tempo de fazer as coisas.
Prejuizos → você não tem dinheiro e nem pode trabalhar.

5- Sim, sim basta ele viver como se fosse jovem.

6- Pagar um salário aos jovens no caso uma joventaduria.
KKKK

7- ter muita energia, namorar muito e pensar em gastar dinheiro.

8- Ensinar, educar, para eles ser algo de bom na vida.

9- Sim penso em mim formar em engenharia civil.

10- Depende, em muitas ocasiões ela ajuda ja em outras atrapalha.

ANEXO D – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 4

QUESTIONÁRIO

1 – O que é ser jovem? Será que é apenas uma questão de idade?

Não. Ser jovem é o modo que você aproveita a vida, se conecta a ela e é feliz

2 – Você se considera jovem? Se sim, o que o faz sentir jovem? Se não, por quê?

Na idade sim, no espírito não. Pois ainda não cheguei muito na fase de [illegible] até dizer "chega", mas estou totalmente entediado a vida. Acho que é pela falta de opções na cidade.

3 – Existe diferença entre jovem e adolescente? Se houver, explique-se.

Sim. Adolescente é a faixa que dizemos pessoas se encaixam, já o jovem [illegible] que é um estilo que poucos desfrutam.

4 – Quais os benefícios de ser jovem? E as dificuldades ou prejuízos?

Benefícios - ser cuidado e aconselhado; dificuldades - aprender a partir dos erros e acertos; prejuízos - imaturidade e irresponsabilidade.

5 – Ser jovem é ser adulto? E um adulto pode ser jovem?

Ser jovem não é ser adulto, mas um adulto pode ser um jovem, a partir de atitudes e o modo de ver a vida.

6 – Pense sobre sua comunidade e responda: No que ela precisa melhorar para atender aos jovens? No entretenimento, pois aqui os jovens não têm espaço de aproveitar seu momento. Assim, o que resta é ir para outro local ou ficar na internet

7 – Cite três características da juventude.

1) O amor a si próprio; 2) seus desejos e por fim 3) a satisfação.

8 – Qual o papel da escola na vida do jovem?

Promover o conhecimento para estes saberem se comportar mediante a sociedade e conquistar o tal futuro tão esperado.

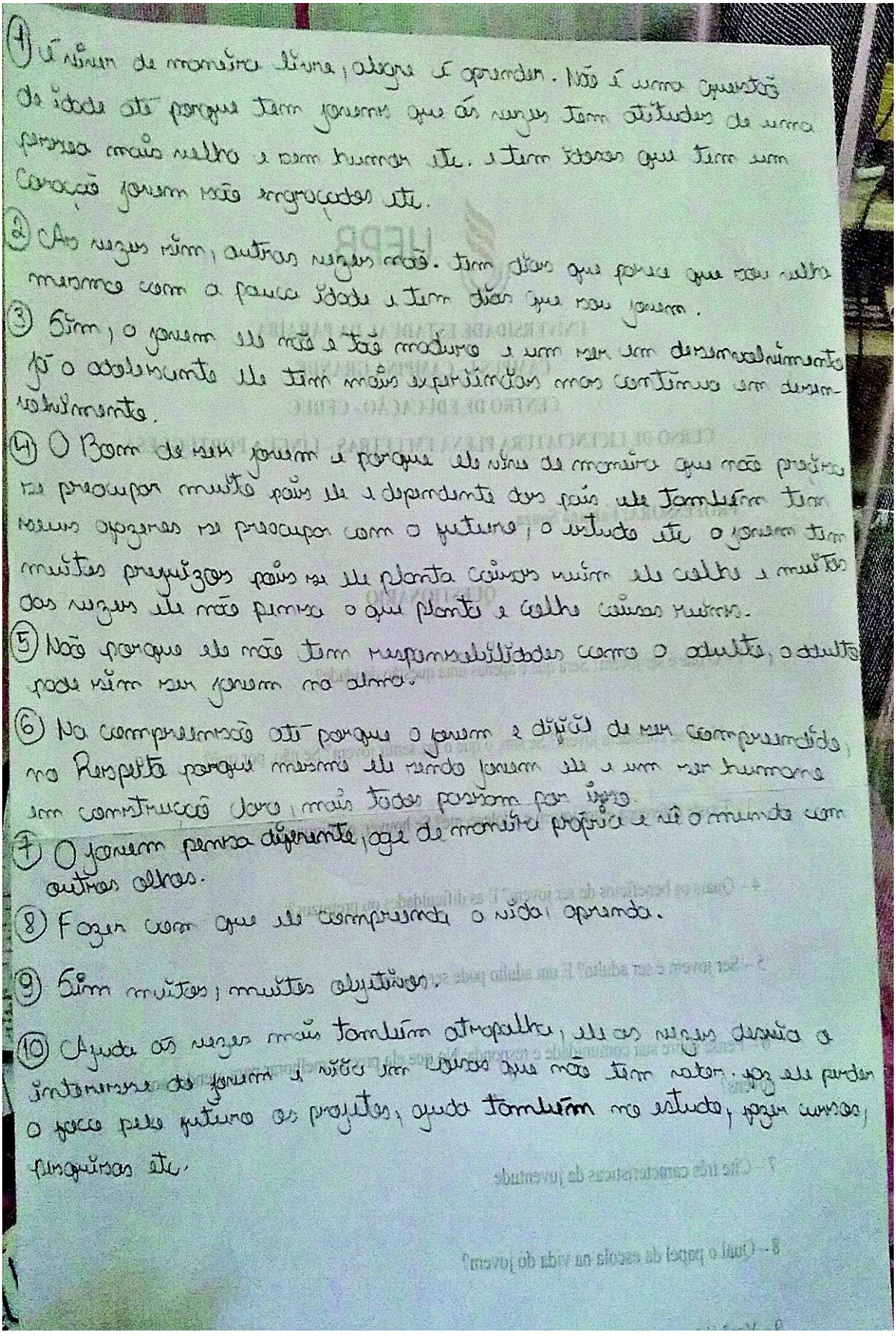
9 – Você já tem sonhos e planos para o futuro ou não pensa sobre isso?

Sim. Sou uma pessoa bem realista, pé no chão. Sei meus limites e habilidades para progredir ao mercado e ser competidor.

10 – Na sua opinião, a internet ajuda ou atrapalha nas relações pessoais? Justifique.

Ajuda, pois achamos o amigo que realmente se importa com você e até te torna feliz, mas claro, tudo em excesso atrapalha.

ANEXO E – QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE 5



1) É viver de maneira livre, alegre e aprender. Não é uma questão de idade até porque tem jovens que às vezes tem atitudes de uma pessoa mais velha e sem humor etc. e tem idosos que tem um coração jovem são engraçados etc.

2) As vezes sim, outras vezes não. tem dias que parece que sou velha mesmo com a pouca idade e tem dias que sou jovem.

3) Sim, o jovem ele não é tão maduro e um ser em desenvolvimento já o adolescente ele tem mais experiências mas continua em desenvolvimento.

4) O Bom de ser jovem e porque ele vive de maneira que não precisa se preocupar muito pois ele e dependente dos pais ele também tem seus afazeres se preocupar com o futuro, o estudo etc o jovem tem muitos prejuízos pois se ele planta coisas ruim ele colhe e muitos das vezes ele não pensa o que planta e colhe coisas ruins.

5) Não porque ele não tem responsabilidades como o adulto, o adulto pode sim ser jovem na alma.

6) Na compreensão até porque o jovem e difícil de ser compreendido, no Respeito porque mesmo ele sendo jovem ele e um ser humano em construção claro, mais todos passam por isso.

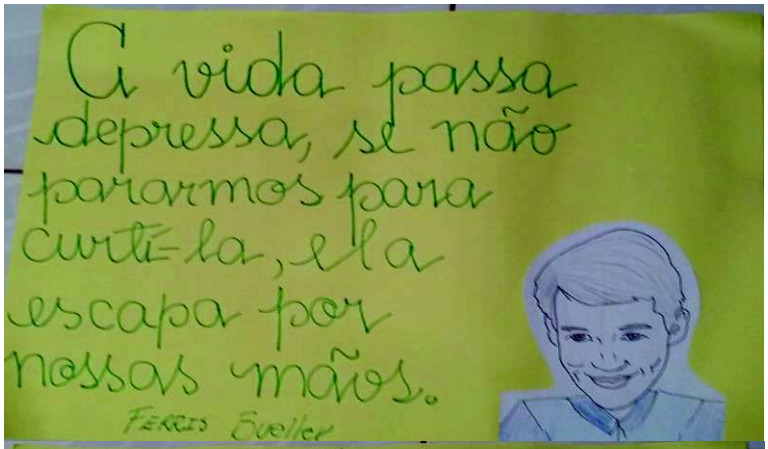
7) O jovem pensa diferente, age de maneira própria e vê o mundo com outros olhos.

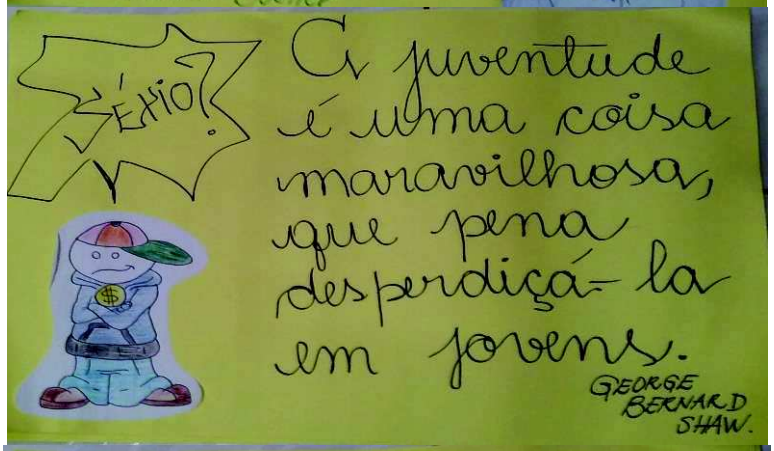
8) Fazer com que ele compreenda a vida, aprenda.

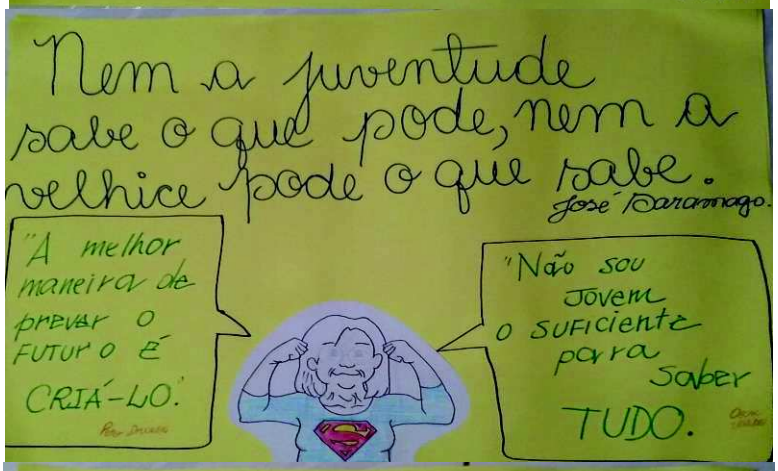
9) Sim muitos, muitos objetivos.

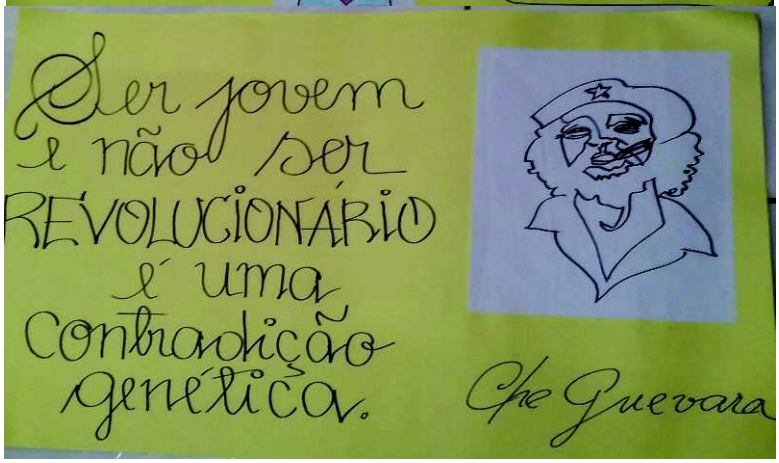
10) Ajuda as vezes mais também atropalha, ele as vezes desvia o interesse do jovem e vicia em coisas que não tem valor. faz ele perder o foco pelo futuro os projetos, ajuda também no estudo, fazer cursos, pesquisas etc.

ANEXO F – CARTAZES

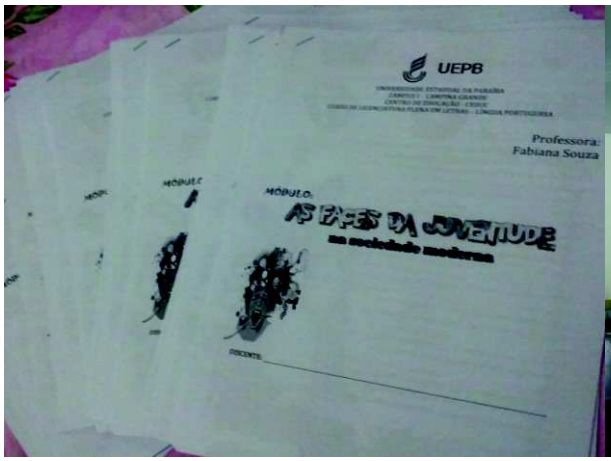








ANEXO G – FOTOGRAFIAS



Módulos didáticos

Primeiro encontro

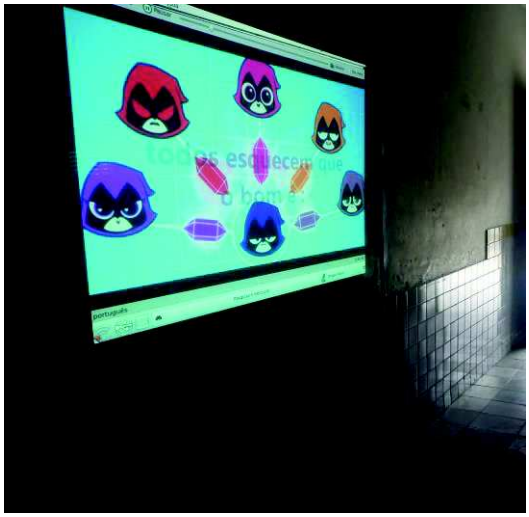
Segundo encontro

Terceiro encontro

Terceiro encontro

Quarto encontro

Quinto encontro



Exibição dos vídeos

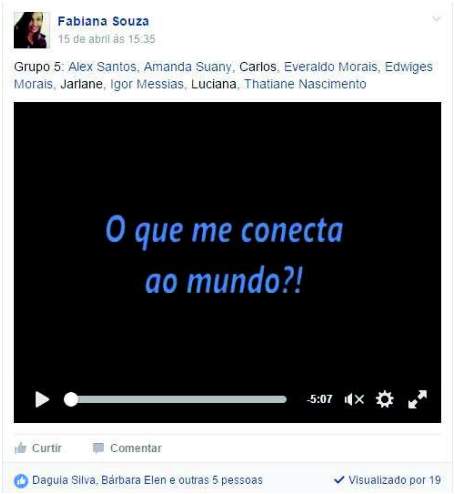
Quiz

Premiação do *Quiz*

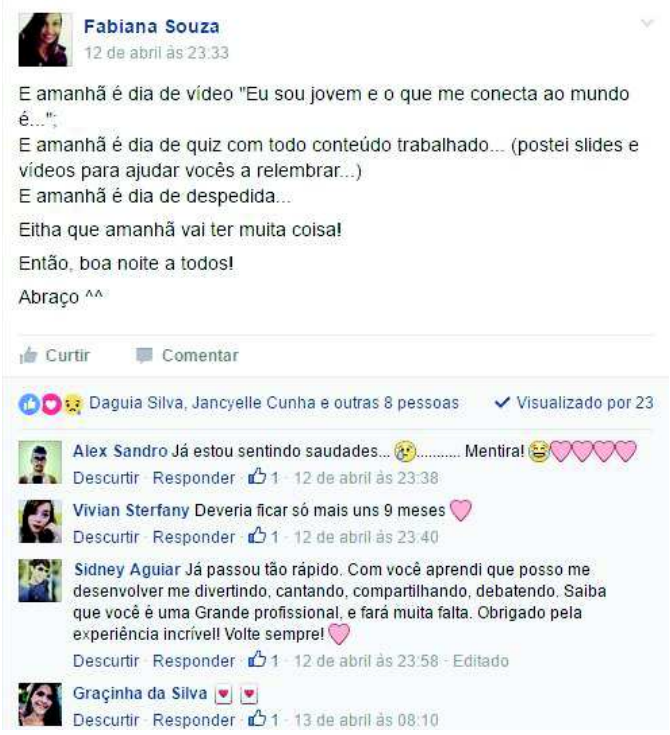
ANEXO H – GRUPO NO FACEBOOK

Feed de notícias do grupo

Membros e descrição



Postagem dos vídeos



Feed back

ANEXO I – LINKS DOS VÍDEOS FEITOS PELOS ALUNOS

Grupo 1 – Whatsapp: https://www.youtube.com/watch?v=mV2mjWLgn6A

Grupo 2 – Apresentação no Prezi: https://prezi.com/tkky97ppo4kt/eu-sou-jovem/?utm_source=facebook&utm_medium=ending_bar_share

Grupo 3 – Gifs: https://youtu.be/januBGqGwRk

Grupo 4 – Entrevistas na comunidade:
https://www.youtube.com/watch?v=KPjNai8x9cg&feature=youtu.be

Grupo 5 – Vídeo com imagens: https://youtu.be/1XLK2VzI268